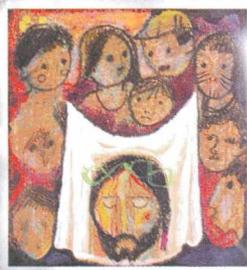


MARIA



Cristo ressuscitou, Aleluia!



Utopia

Um serviço de caridade solidária

Direitos Humanos

A consciência de pertencer a uma mesma família humana levou a um acordo geral de todos os países, religiões e filosofias, de reconhecer alguns direitos comuns a todos, independente de sua condição. Isto implica o dever de cultivá-los. O Direito Internacional elaborou alguns instrumentos, geralmente, aceitos: a Declaração Universal dos Direitos do Homem, ONU, 1948. O Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, adotado pela Assembléia Geral, em 1966, são os principais. Dos diversos instrumentos internacionais, a Declaração de Valência, de 1998, oferece uma boa síntese, que é do que nos valem aqui.

Quais são nossos direitos?

DIREITOS CIVIS:

Direito a vida: contra a privação da vida e o “desaparecimento”, inclusive, o assassinato legal (pena de morte)
Direito à integridade física: contra a tortura
Direito à liberdade: contra a escravidão e a detenção ilegal
Direito à igualdade perante a lei
Direito à liberdade de expressão
Direito a que se respeite a vida privada (internet)
Direito ao acesso à informação
Direito à livre circulação: emigrantes (refugiados, exilados, excluídos)
Direito a uma nacionalidade
Direito a exercer qualquer atividade
Direito à proteção do Estado: contra a cumplicidade com o crime organizado

DIREITOS POLÍTICOS

Direito a eleger e ser eleito para cargos públicos. Direito a eleições limpas
Direito à liberdade de reunião ou associação
Direito à honestidade administrativa

DIREITOS SOCIAIS

Direito a comer e a vestir-se
Direito a ter uma vida digna
Direito a gozar de saúde e atenção médica
Direito a educar-se
Direito a férias e diversões sadias

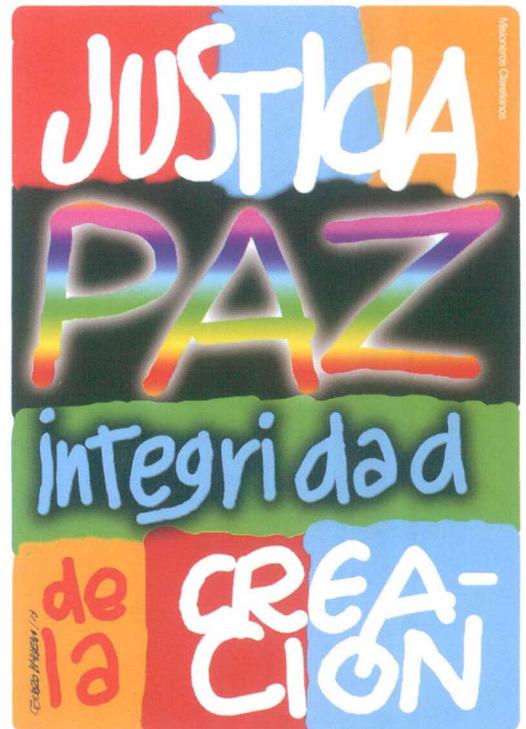
DIREITO ECONÔMICOS

Direito ao trabalho
Direito a boas condições de trabalho
Direito a um salário justo
Direito à liberdade de trabalho: contra o trabalho forçado, à prostituição e a opressão por dívidas
Direito à liberdade e organização sindical
Direito à propriedade

DIREITO DIFERENCIADOS

Contra todo tipo de discriminação:

Por idade (das crianças e anciãos)
Por sexo ou gênero (das mulheres)
Por orientação sexual (dos homossexuais)
Por condições especiais (dos incapacitados, dos HIV positivos)
Por etnia ou raça (contra o racismo)



DIREITOS CULTURAIS

Direito a desfrutar da criação artística do próprio povo
Direito aos benefícios da ciência e dos avanços da técnica
Direito ao próprio idioma
Direito à própria cultura
Direito à própria religião

DIREITOS DOS POVOS E DA NATUREZA

Direito dos povos à paz e ao desenvolvimento social
Direito a decidir por si mesmos sobre sua forma de governo, leis e organização
Direito de ter a natureza tratada com respeito.

Missionários Claretianos, através de seu Secretariado de Secretariado de “Justiça, Paz e Integridade da Criação” www.utopia.pcn.net/index.html



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregarianin;

Administração: Nestor A. Zatt;

Divulgação: Hely Vaz Diniz

Redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho. Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy. Assinaturas: Geraldo José Carnesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (011) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento de R\$ 25,00, referente à assinatura ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado nos Bancos: ITAÚ — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas podem ser feitas também nas livrarias da Editora Ave-Maria.

Ligue grátis: 0800-555-021
Fax: 3663-3491

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave Maria a todos eles. A seguir a lista dos colaboradores legais:

São Paulo: Andréia Maria Ferreira Reis; Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan.

Minas Gerais: Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes; Gilmar Diniz Silva. — **Goiás:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gornides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva. Sérgio Pierozan.

Paraná: José de Lima. — **Rio Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech; — **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda;

Merenda Representações: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue para a Revista Ave Maria

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br



Cristo ressuscitou, aleluia!

Um bilhão e cem milhões de cristãos proclamam, com alegria, a ressurreição de Jesus na Páscoa. “Aleluia” exprime júbilo, felicidade provocada por uma ou mais ações de Deus em nosso favor. Com um detalhe, onde o humano se torna incapaz, Deus intervém beneficentemente.

A ressurreição de Jesus tem um significado amplo e de alcance divino. Sua fisionomia ou de qualquer ser humano que segue o caminho dele, com a ação do Espírito, transfigura-se e faz transparecer o sopro de Deus, o amor.

Jesus ressuscita porque o amor de Deus que o impregnava totalmente e o fez salvador de males e pecados que escravizavam as pessoas, resgatou-o da sepultura, arrebatou-o para o coração de Deus. Sua ressurreição é o sinal de que Deus nos quer de volta ao centro do seu amor. Jesus, de maneira simples, assim explica aos seus amigos e discípulos amedrontados, *vou para a casa do Pai e lá onde eu estiver, quero que vós estejais também* (Jo 14,2). A tragédia decorrente da inveja vergonhosa, da traição diabólica, do julgamento injusto, da ignomínia perversa, do escárnio debochado, do abandono covarde dos discípulos, da morte cruenta, não foram ocorrências capazes de impor-se à vida tão plena do amor de Jesus. Daí, a lição exemplar: *amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei* (Jo 15,12). A ressurreição é consequência direta do amor, vivenciado, ensinado e chamado, por ele mesmo, de vida eterna.

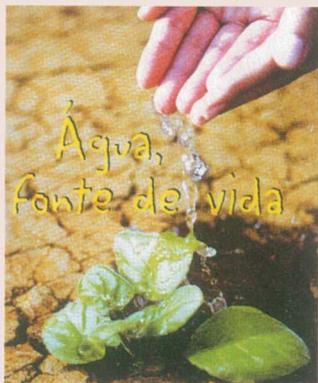
Neste número, na *Palavra do Papa*, “Papa e CF’2004” (p.6), João Paulo II lembra o sentido da Quaresma, com o tema da água, como purificação para uma vida nova e eterna. E cita Jesus: *Se eu não te lavar, não terás parte comigo* (Jo 13,18). • Continuando a reflexão sobre o tema da CF’2004: “Fraternidade e água” (p.7), o texto da CNBB mostra a relação indissociável da água com a vida e a dignidade do ser humano. • O artigo de Frei Betto: “Entre a cruz e o pão” (p.8) aponta a ressurreição como o fato central da fé cristã. E, no símbolo escolhido por Jesus, o pão, bem essencial à vida, temos na pessoa dele o alimento para a eternidade (cf. Jo 6,51). O artigo é rico em citações do Evangelho, alusivos à vida e ao pão. • Luís Erlin, em seu artigo: “Vida em Marte?” (p.10), levanta a questão: a fortuna de 820 milhões de dólares, aplicada no programa espacial é correta, enquanto grande parte da população mundial (bilhões de pessoas) sobrevive na pobreza absoluta? • “Esperança num mundo sem esperança” (p.11) é o artigo de João Batista Libânio, lembrando-nos que Jesus esperou a ressurreição contra toda esperança de vida. O mundo tem apresentado, nesses últimos tempos – no comportamento de comandos e governos – antívida: a imposição da lei do terror, das forças de destruição. A paz, clama o Papa, ressoa como luz de ressurreição, na noite sombria da paixão das guerras e violências.

A Páscoa é a vida no seu sentido maior, dom de Deus. É o lado inteiramente oposto da guerra, do ódio, do temor, da vingança, do medo, da morte... Vale dizer que todos os agenciadores desses males e pecados estão no caminho inverso do trilhado por Cristo, da sua verdade e da vida vivida por ele.

P.C.G



CNBB esclarece notícia do Estadão



Brasília, DF, 6/3. Diante de afirmações publicadas no jornal “O Estado de São Paulo” no dia 27 de fevereiro, na página A9, com o título de: “Água – CNBB faz grande confusão, diz especialista”, quando afirma que os bispos estariam “criando confusão” sobre a privatização das águas, confundindo com privatização dos serviços de água, por estarem mal assessorados, a CNBB esclarece:

“Não há por parte da CNBB — nem do grupo de assessoria — nenhuma confusão a esse respeito. Basta uma leitura cuidadosa do Texto-Base e tudo está meridianamente claro e até redundante. O número 74 do Texto-Base da Campanha da Fraternidade, após citar a Constituição Brasileira, afirma: “... Portanto, do ponto de vista constitucional, nossas águas são bens da União. Este princípio constitucional é fundamental para preservar a água como um bem público e não privado”.

“É fundamental entender

que a água é, constitucionalmente, um bem de domínio público. Portanto, não pode ser privatizada, isto é, tornar-se propriedade privada de alguma pessoa física ou jurídica”.

Nos nºs 101 e 102 está o discernimento final: “Ainda que no Brasil as águas sejam, por determinação constitucional, de domínio público, ainda há, de fato, o domínio particular de águas. Ao arrepio da lei, poços, açudes e aguadas construídas com dinheiro público em propriedades particulares ficaram sob o controle do proprietário da terra (sem que fossem objeto de outorga pelo poder público)”.

Finalmente, um dos objetivos específicos da Campanha da Fraternidade é exatamente “defender a participação popular na elaboração de uma política hídrica, para que a água seja, de fato, de domínio público, e seja gerenciada pelo poder público com participação da sociedade civil e da comunidade local”.

D. Odilo Pedro Scherer, Bispo Auxiliar de São Paulo e Secretário-geral da CNBB.

CF’2005 ecumênica

Brasília, DF 8/3. As Igrejas membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), integrado pelas Igrejas Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada, Episcopal Anglicana no Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil,

Metodista Ortodoxa Siriana, Igreja Presbiteriana Unida, Igreja Presbiteriana Independente, assumiram o compromisso de realizar juntas uma nova Campanha da Fraternidade, no ano que vem, para dar impulso à Década para Superar a Violência e contribuir na preparação da IX Assembléia do CMI. Será, portanto, ecumênica e estará aberta à participação de todas as denominações cristãs e pessoas de boa vontade que quisessem nela comprometer-se, no espírito do ecumenismo. Para essa finalidade, foi constituída uma Comissão responsável pela sua realização, formada por dois delegados de cada Igreja-membro do CONIC. A Comissão responsável quer prepará-la da forma mais participativa possível. Por esta razão, lançou um Concurso Nacional para a produção do cartaz e para a escolha dos cantos desta CF’2005 Ecumênica, que terá como tema: “Solidariedade e Paz” e como lema: “Felizes os que promovem a paz”. Informações pelo e-mail: cf@cnbb.org.br ou conic.brasil@zaz.com.br

Combate ao trabalho infantil no Brasil

Brasília, DF, 6/3. O Brasil começa nova etapa para combater a exploração infantil com o Programa de Duração Determinada, que objetiva erradicar as piores

formas de trabalho, assim como expressa o Convênio 182, da Organização Internacional do Trabalho (OIT). O programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Ipec), segundo dados da OIT, conseguiu reduzir 35% da atividade ilegal em um período de 10 anos, entre 1992 e 2002.

O novo programa teve início no final de 2003 e terá uma duração de 39 meses. Será um suporte de contribuição para que o Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil possa alcançar suas metas. Além disso, fortalecerá o trabalho da Comissão Nacional de Erradicação, que será executado em cinco estados (Maranhão, Paraíba, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul).

Com um investimento que se aproxima dos 5 milhões de dólares, o novo programa do Ipec se desenvolverá em conjunto com o governo e com instituições privadas para buscar alternativas de solução para esta problemática de difícil controle e fiscalização por parte do Ministério do Trabalho e Emprego.

Apelo para a paz

Vaticano, 22/2. João Paulo II propôs aos países em conflito, da África e do Oriente Médio, em particular à Terra Santa e ao Iraque, a reconciliação e o perdão como caminho para superar a violência. O papa

lançou seu chamado nessa data, após ter concluído seu retiro anual espiritual. “Durante a semana dos exercícios espirituais no Vaticano, não me esqueci da dolorosa situação de alguns países da África, do Oriente Médio e, sobretudo, da Terra Santa e do Iraque”, afirmou dirigindo-se aos peregrinos na praça de São Pedro. “São irmãos nossos que sofrem por atos inaceitáveis de violência e de terrorismo, que só agravam as condições de vida daquelas queridas populações”, acrescentou o Papa, “enquanto rezo e convido a orar por estes irmãos, quero pedir uma vez mais a todos que empreendam o caminho do perdão e da reconciliação”.

A mulher na Igreja e na sociedade hoje

Brasília, DF, 8/3. De 19 de abril a 14 de maio, o Instituto Teológico Pastoral para a América Latina promoverá o curso: “A mulher na Igreja e na Sociedade hoje”, com o objetivo de refletir sobre a dignidade e missão da mulher na Igreja e na sociedade para promover processos pastorais e sociais com sua ativa participação na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. O curso contará com a assessoria de três mulheres, duas colombianas e uma brasileira, que nos últimos anos têm contribuído significativa-

mente para uma compreensão adequada da missão da mulher na Igreja e na sociedade. São elas: Isabel Corpas de Posada, Gory Suárez e Bárbara Bucker. Informações: (57-1) 667-0050/667-0110/667-0120 ou itepal@celam.org

Carta da Educafro ao Governo

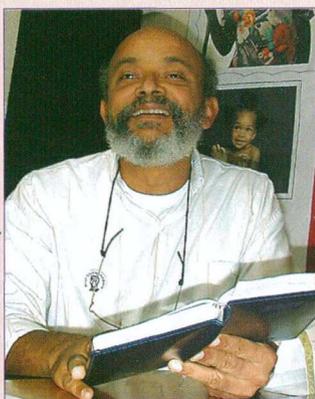


Foto: Avelino S. de Godoy

São Paulo, SP, 6/3. Frei David Santos, ofm, diretor da Educafro — Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes —, dirigiu, nesta data, carta aberta ao Ministro da Educação, Tarso Genro, ressaltando que a entidade continuará vigilante e quer ver seriedade do Governo Federal em continuar a implantação do programa de cotas para negros e pobres, em todas as universidades públicas federais, a exemplo da Universidade de Brasília, Unb.

Tece também considerações sobre o Programa de Ação Afirmativa, do Governo Federal, nas universidades particulares. Contato: educafro@franciscanos.org.br

A IGREJA NO MUNDO • Notícias	4
PALAVRA DO PAPA • Papa e a CF'2004	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE • Fraternidade e água - Água fonte de vida	7
FÉ E CIDADANIA • Entre a cruz e o pão <i>Frei Betto</i>	8
• Vida em Marte? <i>Luís Erlin</i>	10
• Esperança num mundo sem esperança <i>João Batista Libânio</i>	11
• Sexo e altruísmo <i>Pe. Zezinho, scj</i>	12
ALCOOLISMO Estar sóbrio, questão de consciência? <i>Pe. Manoel Dias de Oliveira</i>	13
REFLEXÃO BÍBLICA • São José e os apócrifos <i>Elias Leite</i>	15
A PALAVRA É... • Paixão – Aleluia <i>Luís Erlin</i>	17
HISTÓRIA DA IGREJA • Salvação também fora da Igreja <i>José Maria Vigil</i>	18
EDUCAÇÃO • Construção da identidade na adolescência <i>Izabel Petraglia</i>	20
LINGUAGEM POSITIVA • Comunicação preventiva: -ismos a serem evitados <i>Francisco Gomes de Matos</i>	22
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR • Senhora da Entrega <i>Roque Vicente Beraldi</i>	24
LITURGIA DA PALAVRA • De 2 a 30 de maio <i>Adelino Dias Coelho</i>	25
MEU LAR • Você falou comigo? <i>Wimer Botura Jr.</i>	31
CULINÁRIA • Vamos cozinhar?! <i>Yvonne Barros Oliveira</i>	32
TURMA DA MAÍRA <i>Tina Glória</i>	33

Papa e CF'2004

Mensagem do papa João Paulo II por ocasião do lançamento da Campanha da Fraternidade 2004, no dia 25 de fevereiro, na catedral da Sé, em São Paulo.

Por ocasião da Campanha da Fraternidade que a CNBB vem promovendo há já 40 anos, desejo-lhe exprimir minha satisfação por ter a oportunidade de dirigir-me a todos os fiéis unidos em Cristo, com a renovada esperança de conversão e de reconciliação que a Quaresma em nós suscita em preparação da Páscoa da Ressurreição. É um tempo em que cada cristão é convidado a refletir de modo particular sobre as várias situações sociais do povo brasileiro que requerem maior fraternidade. Este ano, o lema escolhido foi «Água, fonte de vida».

Como é do conhecimento de todos, a água tem enorme importância para a terra: sem este precioso elemento, a terra se transformaria rapidamente num deserto árido, lugar de fome e de sede, em que homens, animais e plantas estariam condenados à morte. Além de condição de vida na terra, a água tem também o poder de lavar e purificar, fazendo desaparecer as impurezas.

Precisamente por isto, na Sagrada Escritura a água é considerada como símbolo de purificação moral: Deus «lava» as culpas do pecador (Sl 50,4). Durante a Última Ceia, Jesus lava os pés aos seus discípulos. Diante dos protestos de Pedro, Jesus responde: Se eu não te lavar, não terás parte comigo (Jo 13,8). Mas é no batismo cristão que a água adquire seu pleno sentido espiritual de fonte de vida sobrenatural, como

o mesmo Cristo proclama no Evangelho: quem não nascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus (Jo 3,5).

O batismo põe-se, portanto, como caminho que leva à Vida com Deus. O neófito, movido pela ação da graça do Espírito, recebe a participação para a vida nova em Cristo (cf. Gl 3,27-28). Feito nova criatura, o batizado pode e deve orientar as relações com o seu semelhante e com toda a criação, conforme justiça, a caridade e a responsabilidade que Deus quis confiar à solicitude do homem (cf.

problemas decorrentes à sua evidente escassez em muitas partes do mundo, e não só do Brasil. A água não é um recurso ilimitado. Seu uso racional e solidário exige a colaboração de todos os homens de boa vontade com as autoridades governamentais, para conseguir uma proteção eficaz do ambiente, considerado como dom de Deus. É uma questão que necessita, portanto, ser enquadrada de forma a estabelecer critérios morais baseados precisamente no valor da vida e no respeito pelos direitos e pela dignidade de todos os seres humanos.

Ao dar início à Campanha da Fraternidade de 2004, renovo a esperança de que as diversas instâncias da sociedade civil, às quais se unem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e demais Igrejas e organizações religiosas e não-religiosas, possam garantir que a água permanecerá, de fato, fonte abundante de vida para todos. Com estes auspícios,

invoco a proteção do Senhor, doador de todos os bens, para que sua mão benfazeja se estenda sobre campos, lagos e rios dessa Terra da Santa Cruz, derramando em abundância seus dons de paz e de prosperidade e que, com a sua graça, desperte em cada coração sentimentos de fraternidade e de viva cooperação. Com uma especial bênção apostólica.

Vaticano, 19 de Janeiro de 2004

João Paulo II

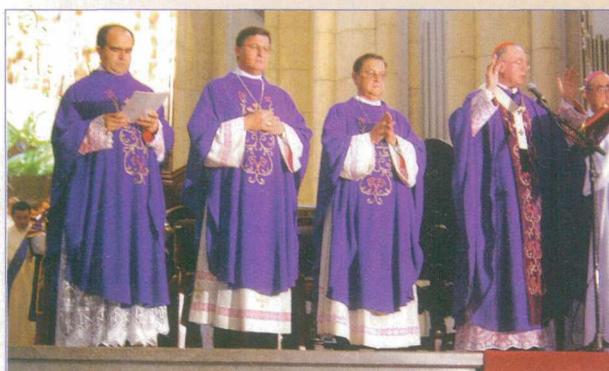


Foto: Avelino S. de Godoy

D. Cláudio Hummes e bispos auxiliares na abertura da Campanha da Fraternidade de 2004.

Gn 2,15). Nascem daí, para cada indivíduo, específicas obrigações no que diz respeito à ecologia. O seu cumprimento supõe a abertura para uma perspectiva espiritual e ética que supere as atitudes e os estilos de vida egoístas que acarretam o esgotamento das reservas naturais.

Como dom de Deus, a água é instrumento vital, imprescindível para a sobrevivência e, portanto, um direito de todos. É necessário pôr atenção aos

Fraternidade e água

Água fonte de vida

(Continuação.)

Não são apenas os seres humanos os destinatários da água, mas todos os outros seres vivos. Essa consciência faz do ser humano um “ser entre outros”, parte da corrente da vida pela qual ele deve zelar.

Há uma forte afinidade entre a Campanha da Fraternidade pela água e a luta para a superação da miséria e da fome. O alimento e a água são fontes primárias e indissociáveis de vida. Não se combate a fome se não houver garantia de acesso à água. Ela é necessária para a produção de alimentos, para uma agricultura sustentável e para a defesa e a conservação do ambiente natural. Rios, lagoas e mares só poderão garantir peixe bom e abundante se forem preservados da poluição e da ganância de interesses privados.

As mesmas exigências éticas requerem uma mudança de mentalidade para superarmos o egoísmo e a concentração dos bens e da renda em mãos de poucos e nos impelem a um uso solidário dos alimentos e dos recursos hídricos, em suas várias formas, evitando todo desperdício e construindo relações solidárias.

Multiplicidade do uso da água: necessidades e distorções

A água, mais do que simplesmente consumo humano, é a satisfação das necessidades vitais dos demais seres vivos. Vamos examinar essa utilização variada que se convencionou chamar de “uso múltiplo das águas”.

• **Consumo humano.** Precisamos

dela para beber, cozinhar, lavar, higienizar, dessedentar os animais, etc. Mundialmente, esse uso corresponde a 10% da água. No Brasil, o consumo humano é de 18% de toda nossa água. Segundo a Organização Mundial da Saúde, OMS, uma pessoa precisa de 40 litros por dia para manter sua saúde.

Um dos maiores problemas brasileiros é o saneamento urbano. A água usada no consumo doméstico só deveria ser devolvida aos cursos d'água depois de receber tratamento adequado. Mas, porque seu custo é muito alto, as empresas de água e esgoto –

Rios, lagoas e mares só poderão garantir peixe bom e abundante se forem preservados da poluição e da ganância de interesses privados.



Foto: Silvio Vinco Esgalha

mesmo sendo do Estado – muitas vezes despejam o esgoto sem qualquer tratamento, embora cobrem dos consumidores uma taxa que inclui tanto despesas com o consumo (captação, tratamento e distribuição) quanto despesas de escoamento e esgoto.

• **Irrigação.** Na produção agrícola, principalmente a irrigada, a água, hoje, é “meio de produção” tão importante quanto a terra. Em nível mundial, a irrigação consome, em média, 72% da água doce do Planeta.

O Brasil já estaria consumindo 63% de suas águas doces em irrigação. É uma distorção, mas é uma atividade em expansão. Dá-se, sobretudo na região dos Cerrados, que atinge o oeste baiano, sul do Piauí, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Tocantins, principalmente as bacias dos rios São Francisco, Araguaia e Tocantins, mas já com expansão pela região amazônica.

A produção de grãos avança pelo caminho das águas. Essa região é vista como “celeiro do mundo”. Seu custo ambiental é incalculável. Para se produzir uma tonelada de grãos é necessária igual quantidade de água.

Países com pouca água, ou que não querem ou não podem arcar com esse tipo de produção, preferem comprar grãos no exterior, transferindo o custo ambiental para os países produtores. A irrigação brasileira está sendo implantada sem considerar a sustentabilidade de ecossistemas frágeis como os Cerrados, o Pantanal e a Amazônia, e sem considerar o manejo adequado de nossos mananciais.

(Continua na próxima edição.)



Entre a Cruz e o Pão

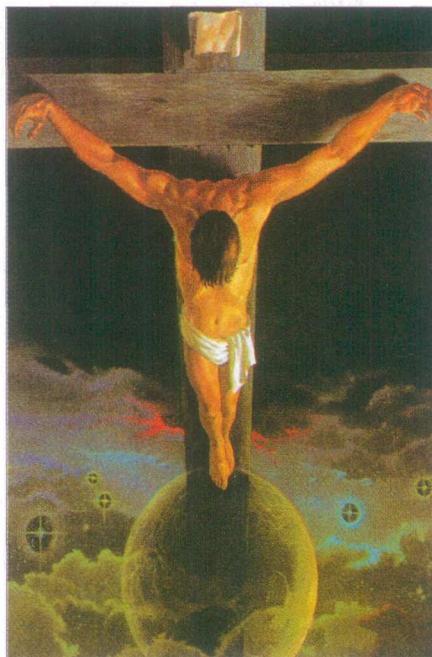
Frei Betto

Como simbolizar a ressurreição? Até hoje não conheço quem tenha se mostrado suficientemente criativo para consegui-lo. Há pinturas e imagens em que Jesus aparece revestido de um corpo glorioso, mas elas parecem evocar um homem saindo do banho...

Na Igreja primitiva, era o peixe o símbolo secreto de fé cristã, em referência ao batismo pela água. Assim como os peixes vivem nas profundezas do mar e dos lagos, os cristãos renasciam, pela água batismal, mergulhados nas catacumbas, onde foram encontradas várias pinturas de peixes. Para santo Agostinho, Cristo é o peixe vivo no abismo da mortalidade, como em águas profundas (*De Civitate Dei*, XVIII, 23). Além disso, peixe, em grego - *ichthys* - era considerado acrótico de *Iesous Christos Theou (H)yiou Soter* (Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador).

Foi a perseguição romana que induziu as comunidades a adotarem a cruz, instrumento de suplício e morte do Império. Nele, Jesus foi sacrificado. A mais antiga cruz que se conhece data do século IV e está gravada no portal da igreja de Santa Sabina, em Roma, no monte Aventino, anexa ao convento que abriga o governo geral da Ordem dominicana.

Cessada a perseguição à Igreja, a cruz passou da clandestinidade para



a centralidade nas torres das igrejas e capelas. E, aos poucos, sombreou o Cristianismo. A ponto de a Via Sacra, antes da reforma litúrgica promovida pela Concílio Vaticano II, contar com apenas catorze estações. Encerrava-se com a morte no Calvário. Hoje, são quinze. A ressurreição de Jesus é o ponto culminante dessa forma de devoção cristã.

A predominância da cruz incutiu no catolicismo uma espiritualidade lúgubre, padres e beatas vestiam-se de preto. O riso, a alegria, as cores, pareciam banidos da liturgia. Enfatizava-se mais a morte de Jesus pela redenção de nossos pecados e, de quebra,

A cruz é o símbolo católico do Cristianismo. Segundo os publicitários, a mais simples e genial logomarca já criada: dois pedaços de paus cruzados ou apenas dois riscos perpendiculares riscados na parede, ou ainda, dois dedos colados, um na vertical, outro na horizontal. Pena que a confissão religiosa que celebra a vida como dom maior de Deus adote como símbolo um instrumento de morte. Cruzes são adequadas nos cemitérios, sobre tumbas. Não é o caso de Jesus, que deixou vazio o seu túmulo de pedra. A sua morte não é o fato central da fé cristã. É a sua ressurreição. Como diz Paulo, não houvesse Jesus ressuscitado, a nossa fé seria vã (1Cor 15,14).

as penas do inferno, que a sua ressurreição como vitória da vida, de Deus, sobre as forças da morte. Mais a dor que o amor.

Como simbolizar a ressurreição?

Através de algo que expresse a vida. E não conheço melhor símbolo que o pão. Alimento universal, é encontrado em quase todos os povos ao longo da história, seja feito de trigo, milho, mandioca, centeio, cevada ou qualquer outro grão ou tubérculo. E possui uma propriedade especial: come-se todos os dias, sem enjoar.

Eu sou o pão da vida, definiu-se Jesus (Jo 6,48). Porque o pão representa todos os demais alimentos. E a vida, como fenômeno biológico, subsiste graças à comida e à bebida. São os únicos bens materiais que não podem faltar ao ser humano. Caso

contrário, ele morre. No entanto, é vergonhoso constatar que, hoje, segundo a FAO, 842 milhões de pessoas vivem, no mundo, em estado de desnutrição crônica. Isso em países ditos cristãos, muçulmanos, budistas... Para que serve uma religião cujos fiéis não se sensibilizam com a fome alheia? Por que tanta indiferença diante dos povos famintos? O que significa adorar a Deus se ficamos de costas ao próximo que padece fome? (1Jo 3,17).

Jesus fez da partilha do pão e do vinho, da comida e da bebida, o sacramento central da comunidade de seus discípulos — a eucaristia. Ensinou que repartir o pão é partilhar Deus. Na Palestina do século I, havia miseráveis e famintos (Mt 25,34-45; Lc 6,21). Muitos empobreciam em decorrência da perda de suas terras, do peso das dívidas, dos tributos exigidos pelo poder romano, dos dízimos cobrados pelas autoridades religiosas. Diante disso, Jesus assumiu a causa dos pobres e promoveu um movimento indutor

Partilhar o pão era um gesto tão característico de Jesus que isso permitiu que os discípulos de Emaús o identificassem (Lc 24,30-31). E a ceia tornou-se o sacramento por excelência da presença e da memória de Jesus (Mc 14,22-24; 1Cor 11,23-25).

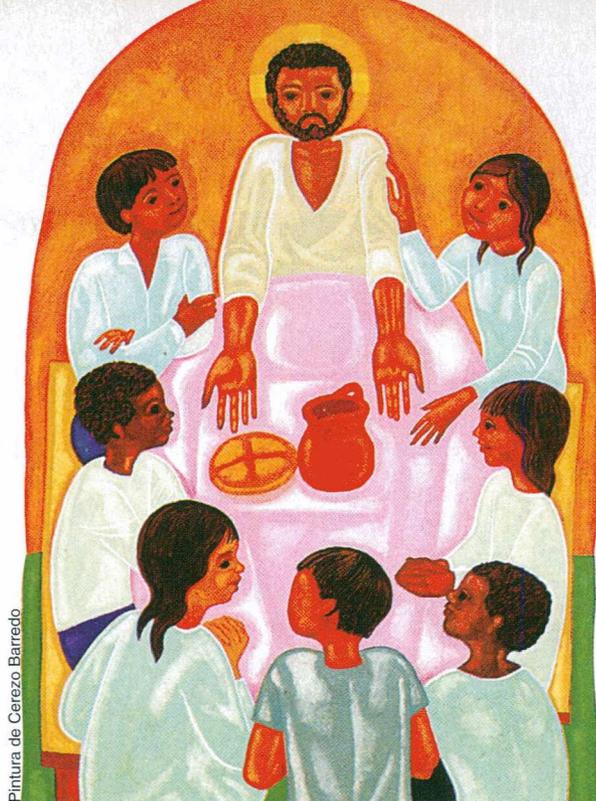


da partilha dos bens essenciais à vida (Mc 6,30-44), onde o fio condutor é o alimento e, em especial, o pão.

Desde o início de sua militância, a partilha do pão foi a marca de Jesus (Lc 1,53; 6,21). A comensalidade era a expressão vivencial mais característica de sua espiritualidade, para a qual havia uma íntima relação entre o Pai (o amor de Deus e a Deus) e o pão (o amor ao próximo). Pai nosso e pão nosso. Deus só pode ser aclamado como “Pai Nosso”, na medida em que o pão não for só meu ou teu, mas nosso, de todos. É o que explica a ausência de preconceitos por parte de Jesus quando se tratava de sentar-se à mesa com pecadores e publicanos, ainda que isso lhe valesse a fama de “comilão e bebedor” (Lc 7,34; 15,2; Mt 11,19).

Partilhar o pão era um gesto tão característico de Jesus que isso permitiu que os discípulos de Emaús o identificassem (Lc 24,30-31). E a ceia tornou-se o sacramento por excelência da presença e da memória de Jesus (Mc 14,22-24; 1Cor 11,23-25).

O pão — eis o símbolo (= aquilo que une) mais expressivo da prática de Jesus, a ponto de transubstanciá-lo em seu corpo. E todo pão que se oferece a um faminto tem caráter sacramental (Mt 25,34). É ao próprio Jesus que se oferece. Às vésperas de sua morte, Jesus antecipou-nos a sua ressurreição ao dividir com seus



Pintura de Cerezo Barredo

discípulos, na ceia, o pão e o vinho. Ele se deu a nós. No gesto de justiça, ao partilhar o pão (significando todos os bens da vida) nós nos damos a ele. Eis o sentido evangélico da comunhão. É o que retratam a parábola do filho pródigo, na qual o perdão é celebrado em torno da comida, o “novilho gordo” (Lc 15,11-32); e os episódios do bom samaritano — o cuidado (Lc 10, 29-37); da mulher cananéia — a cura (Mt 15,21-28); do óbulo da viúva — o desapego (Mc 12,41-44), da chicotada no Templo — a indignação frente à injustiça (Jo 2,13-22).

Pão — bem essencial à vida, dom maior de Deus, que se fez carne e se fez pão, a ponto de Jesus afirmar *o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo* (Jo 6,51). Se já não temos, entre nós, a presença visível de Jesus, ao menos adotemos, como sinal de sua presença, isto que ele mesmo escolheu na última ceia — o pão. Sinal de que somos também seus discípulos, empenhados em tornar realidade, para todos, “o pão nosso de cada dia”, os bens que imprimem saúde, dignidade e felicidade à nossa existência.

Frei Betto é escritor, autor da biografia de Jesus “Entre todos os homens” (Ática), entre outros livros.



Vida em Marte?

Luís Erlin

Num banco de praça, dois aposentados conversavam. Eu, perto, interessei-me por uma sucessão de assuntos que eles discutiam efusivamente: o robô que chegou a Marte; as fotos que a TV estava retransmitindo; se existia vida fora da Terra. Com simplicidade, os dois discutiam um dos temas mais debatidos de nossa época.

Em janeiro deste ano, a Nasa, agência espacial norte-americana, comemorou o sucesso do início da missão espacial com o robô *Spirit* em solo marciano. O objetivo de tanto esforço científico e financeiro (calcula-se um custo recorde de 820 milhões de dólares) é analisar amostras de solo para detectar presença de água, o que poderá determinar se existiu vida em Marte. Sendo a resposta positiva, o planeta explorado pode se tornar um trampolim para futuras missões aos planetas do sistema solar.

Essa missão espacial pode-nos encher de orgulho. Porém, se a analisarmos profundamente encontraremos grandes incoerências.

A preocupação científica do programa é a vida? Pois bem, qual vida? Dos marcianos? Os mais otimistas diriam que estão protegendo a nossa vida, a terra. Será? Estamos buscando vida no sistema solar, fora da Terra, sem, antes, valorizarmos efetivamente a vida que nos rodeia. Não quero ser pessimista ou moralista, somente refletir.

Está comprovado que grande parte da população mundial vive na pobreza absoluta, morre de fome, desnutrida, está excluída do sistema, não tem acesso aos bens de consumo, mendiga um emprego... e os problemas seguem numa lista infundável. Viver na Terra, para muitos povos, tornou-se sinônimo de sobrevivência. Um grupo seletivo

se tranca em suas redomas, em seus condomínios de luxo, em seus países desenvolvidos, não permitindo a entrada de “estranhos”, ignorando ou tentando ignorar os “subvivos” dos países pobres.

Água em Marte? Os cientistas já

afirmaram: o grande bem desse novo século é a água doce. Em muitos lugares, devido às mudanças climáticas (provocadas pela ação predadora do homem), a água vem-se tornando um elemento raro. A solução será importá-la de Marte, ou investirmos na preservação?

Uma vez ou outra, vemos ou lemos que algumas iniciativas foram feitas em favor da vida humana, em defesa da flora e da fauna, na despoluição dos mananciais. Essas ações costumam ser isoladas. São grupos pequenos que se organizam em ONG's, alguns políticos genuinamente comprometidos, associações, etc... Projeto nenhum teve um investimento tão significativo de 820 milhões de dólares (quase dois bilhões e meio de reais).

Marte merece tamanho investimento, os marcianos também?! Besteira!

Somos um planeta de “povinho” orgulhoso, pensamos em conquistar os céus sem antes perceber que a miséria cala, com a morte, inúmeras bocas famintas numa terra de injustiças.

Oxalá os marcianos venham fazer missão por esses lados e como bons missionários arranquem nosso orgulho, abram nossos olhos, nos tornem solidários sem soberba... implantem em nosso íntimo a consciência do valor incondicional da vida.



Pe. Luís Erlin é missionário claretiano, em São Paulo.





Esperança num mundo sem esperança

J. B. Libânio

Crer contra toda esperança faz parte do itinerário bíblico-cristão. Lá no início de nossa fé, Abraão esperou contra toda esperança (Rm 4,18). Lá na cruz, Jesus esperou a ressurreição contra toda esperança de vida, ao morrer cercado de inimigos, no silêncio e abandono doloroso de seu Pai. Hoje, no meio da maior escuridão, somos chamados a esperar.

Páscoa desperta, radiosa, na noite pesada de guerras e violências que nos afligem. Tudo nos leva ao descrédito da humanidade. O país mais poderoso do mundo, na trajetória cruel dos grandes impérios da Antigüidade, impõe a lei do terror, da força, da destruição. E a seu serviço está uma inteligência tecnológica sofisticada. Homens e mulheres, formados nas melhores universidades, dedicam pesquisas com a mais alta capacidade e competência, não para curar, não para salvar, não para melhorar a humanidade, mas para preparar artefatos de morte.

A guerra e a violência sempre semeiam mortes. Destroem casas, edifícios e, sobretudo, vidas. Mal irreparável para o horizonte terrestre. Não se reconstrói nenhuma dessas vidas ceifadas “antes do tempo” pela brutalidade das armas, dos crimes, dos assassinatos. Não há solução para o problema da morte com os meios de nossa tecnologia e recursos humanos.

Nesse momento, ilumina-nos o raio de esperança da Páscoa. Só o Infinito de ternura e misericórdia de um Deus, que ressuscitou seu Filho, descedendo-o da cruz para o Reino de luz

Existe Páscoa. A de Jesus com a vitória sobre a morte que lhe infligiram os criminosos de seu tempo. E a de muitos humanos que acreditam no bem e erguem a bandeira branca da paz. Nas liturgias, nas orações, nos discursos do Papa, a palavra PAZ ressoa, como uma luz de ressurreição na noite sombria da paixão das guerras e violências.

da eternidade, é capaz de recolher os mortos da guerra e da violência, para devolver-lhes a vida. Contemplando as cenas de destruição e de fúria que, todos os dias, a mídia de maneira fantasmagórica nos desenha tragicamente diante dos olhos, a única e última consolação se volta para Deus. Sabemos que ele sofre nossas dores, chora nossas lágrimas, conta nossos mortos, mede nossos sofrimentos. Nós, paramos aí. A nossa pequenez não vai mais longe. Mas ele é infinito amor. Batalha dentro da história e para além dela unicamente em prol da vida. Na história, insuflando nos corações humanos desejos de vida e, para além da história, ressuscitando os mortos. É-nos permitido imaginar e esperar que ele envolva com os braços infinitos de seu Amor cada morto das guerras e violências e lhes restitua a vida em plenitude. Primeiro, aos inocentes civis e entre eles as crianças, às mães grávidas, aos anciãos, aos indefesos de todos os tempos. Mas também ele tem compaixão dos soldados e policiais que atacam com

armas até os dentes. Atrás daquela aparência monstruosa de poder esconde-se também uma fragilidade humana, carente de salvação. Muitos são levados por um sentido de dever. E por isso matam e morrem. Lendo os evangelhos e ouvindo a oração de Jesus na cruz, ousamos esperar que também os próprios criminosos são alcançados pela misericórdia e graça. É difícil, heróico mesmo, rezar por eles e perdoá-los, como fez Jesus.

Vivemos, hoje, sob a ameaça de perder toda esperança por causa da desumanidade que nos cerca. Não se mata somente fora. Mata-se no coração humano a confiança na humanidade, na cordialidade das pessoas. A violência de fora gera violência dentro, destruindo as raízes de bondade do coração.

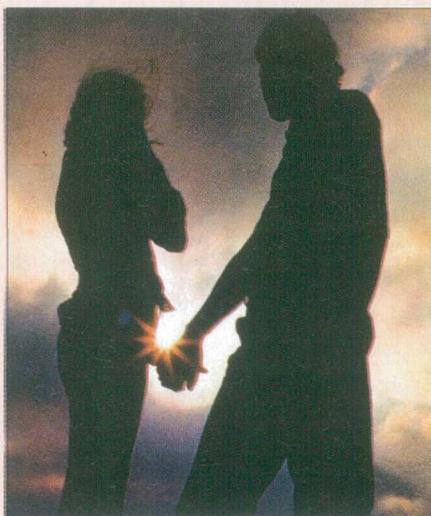
No entanto, existe Páscoa. A de Jesus com a vitória sobre a morte que lhe infligiram os criminosos de seu tempo. E a de muitos humanos que acreditam no bem e erguem a bandeira branca da paz. Nas liturgias, nas orações, nos discursos do Papa, a palavra PAZ ressoa, como uma luz de ressurreição na noite sombria da paixão das guerras e violências.

Ao viver a Semana Santa, guardemos firmes a esperança da vitória da vida sobre a morte, da ressurreição sobre os cadáveres, da justiça em favor da vítima sobre o algóz e do amor de Deus sobre o ódio dos homens. Cristo ressuscitou, aleluia. Parafraçando S. Leão Magno, quando Cristo ressuscita não pode haver tristeza; ele, dissipando o temor da morte, enche-nos de alegria com a promessa da eternidade. Aleluia. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Sexo e altruísmo

Pe. Zezinho



Enganam-se os que pensam que a Igreja Católica é contra o sexo e contra o seu uso. Ela até considera sacramento (sinal do céu) a entrega mútua de corpo e de alma entre homem e mulher, livres e capazes de se amarem. Ela vê isso como sinal do amor de Deus pela humanidade. Portanto, uma Igreja que considera o casamento um sacramento, jamais poderia ser contra o sexo. O que a Igreja condena é o egoísmo que, às vezes, acontece nas relações sexuais, onde ele desfruta dela sem nenhum amor maior, e ela não tem nenhuma consideração pela pessoa dele. Mas, quando os dois se consideram, se admiram e se respeitam e pretendem passar uma vida em função do outro, a Igreja abençoa e chama isso de "Sinal do Reino".

Enganam-se os que pensam que não existe espiritualidade no sexo. É claro que existe. A entrega de si mesmo, quando ela é feita dentro do respeito e do carinho, torna-se, mais que uma entrega carnal, um encontro espiritual. Existe oração no homem que se encanta com sua mulher e na mulher que se encanta com seu

homem. Existe santidade naquele prazer dos dois em função do lar que criaram e das necessidades de um ser humano feminino e de um ser humano masculino. Está longe de ser um ato animal. É um ato humano, destinado não apenas a procriar, mas também de criar laços de ternura e de amor. Quando o sexo é consequência dos laços de ternura, ele se torna a cada dia mais bonito. Quando não há ternura nem respeito, torna-se, cada dia, mais compulsivo e machuca sempre mais.

Para a Igreja, fica muito claro que a pregação de sexo do mundo quase sempre parte do egoísmo e acaba no egoísmo. A pregação de sexo da religião séria, parte do altruísmo e conclui no altruísmo.

Um casal disse:

— Gostamos muito do físico um do outro. Afinal, é um dos presentes que vieram com o casamento. Mas gostamos muito mais do jeito de ser um do outro. Não vivo sem o olhar, o sorriso, o carinho, as atenções e a paciência dessa mulher. E ela:

— Não vivo sem o carinho, a proteção, as palavras e a presença desse homem. Eu casei com o conteúdo: a casca e o invólucro vieram de presentes. Não vivemos em função da relação sexual e sim, das muitíssimas outras relações matrimoniais que dão sentido à relação sexual, quando ela acontece. O que nos une são nossas relações e não apenas aquela relação, que também é importante, mas não é tudo na nossa vida. Estamos casados por causa das nossas muitas relações matrimoniais e não apenas por causa das eventuais relações sexuais. Quem acha que tudo é sexo no casamento, ainda não descobriu nem o casamento, nem a vida. 

Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

Estar sóbrio, questão de consciência?

Manoel Dias de Oliveira

Pastoral da Sobriedade é, "ação da Igreja na prevenção e recuperação da dependência química" (álcool e outras drogas). Está crescendo cada vez mais, em âmbito nacional, diocesano e paroquial. Vez e outra, ouve-se notícia de que a CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil—, juntamente com a coordenação nacional desta pastoral, está programando cursos e buscando meios para formar agentes nesta área. Dioceses e paróquias também se mobilizam para essa implantação. Não existe um trabalho pastoral eficaz sem oração. Como nos diz a palavra de Deus: Orai sem cessar, (1Ts 5,17). A Pastoral da Sobriedade elaborou uma oração para ser rezada em todas as reuniões de recuperação da dependência química e para todas as pessoas que estão querendo viver uma vida sóbria, livre das drogas.

No início de 1992, Curitiba, PR, conheci um rapaz que havia parado de beber, havia uns sete meses, e estava preocupado por ser garçom. Disse que, depois de ter parado de beber, voltou a exercer sua profissão em outro restaurante, pois o dono da antiga casa em que trabalhara não o aceitava mais de volta por causa de sua incompetência em função da bebida. O novo patrão não sabia do seu passado alcoólico, e tudo estava indo muito bem sem a bebida.

Aconselhei-o a continuar frequentando as reuniões de Alcoólicos Anônimos e lhe disse: "Permaneça assim que tudo vai dar certo".

Em 1994, conheci outra pessoa, na cidade de São Paulo, sócia de uma boate, que estava, há sete anos, sem bebida alcoólica. Perguntei-lhe: — Você parou de beber e vende bebida para as outras pessoas? E ele me respondeu: — Pe. Manoel, quem tem problemas com a bebida sou eu, tenho que me prevenir, evitando sempre o 'primeiro gole'; o outro, é o outro, 'eu sou eu'.

Conheço também o Sr. José Fernando de 56 anos, divorciado, pai de um casal de filhos, pernambucano e residente, em São Paulo, desde 1964. Ele foi um "bebedor-problema", mas deixou a bebida, desde outubro de 1992. Trabalha em um bar, desde seus 14 anos, e continua trabalhan-

do nesse ramo, equilibradamente. Contou-me ele:

"Comecei a beber, aos nove anos de idade, em festinhas familiares e em casas de vizinhos. Naquele tempo, bebia, o 'primeiro gole e queria outro', desconhecía a tendência genética para o alcoolismo. Não ficava bêbado, mas já era destaque em rodinhas de amigos. Meus pais também não imaginavam essa tendência para beber. Hoje, tenho convicção de que alcoolismo é uma doença, por experiência própria e pelos muitos livros científicos que li.

Nunca fui internado em clínica de tratamento, isto me leva a crer que nem todo mundo precisa de internação para parar de beber ou deixar outro



ORAÇÃO DA SOBRIEDADE

Senhor,

• **ADMITO** minha dependência dos vícios e pecados e que sozinho não posso vencê-los. Liberta-me.

• **CONFIO** em ti, ouve o meu clamor. Cura-me.

• **ENTREGO** minha vida, minhas dependências em tuas mãos. Espero em ti. Aceita-me.

• **ARREPENDIDO** de tudo que fiz, quero voltar para a tua graça, para a casa do Pai. Acolhe-me.

• **CONFESSO** meus pecados e, publicamente, peço teu perdão e o perdão dos meus irmãos. Absolve-me.

• **RENASÇO**, no teu Espírito, para a sobriedade. O homem velho passou, eis que sou uma criatura nova. Batiza-me.

• **REPARO**, financeira e moralmente, a todos que, na minha dependência, eu prejudiquei. Ajuda-me a resgatar minha dignidade e a confiança dos meus. Restaura-me.

• **PROFESSO** que creio na Santíssima Trindade e peço a ajuda da Igreja, com a intercessão de todos os santos. Instrui-me na tua Palavra.

• **ORANDO** e **VIGIANDO** para não cair em tentação, seremos perseverantes nos teus ensinamentos. Dá-me a tua paz.

• **SERVINDO**, a exemplo de Maria, nossa mãe e mãe de todos, queremos, gratuitamente, fazer dos excluídos os nossos preferidos.

• **CELEBRANDO** a eucaristia, em comunidade com os irmãos, teremos força e graça para perseverarmos nesta caminhada. Alimenta-nos no corpo e sangue de Jesus.

• **FESTEJANDO** os 12 passos para a sobriedade cristã, irmanados com todos, na mesma esperança, por um mundo sem drogas, queremos partilhar e anunciar Jesus Cristo Redentor pelo nosso testemunho. **Amém.**

Oração tirada do livro "Os 12 passos da pastoral da sobriedade", Loyola, 3ª edição — 2002.

vício. Não importa a maneira, o importante é parar, mas "cada caso é um caso". Apesar de tantos anos de bebedeiras, nunca tentei me matar, mas tive muitos momentos de desânimo. Por pouco, eu não cedi às tentações mais profundas de buscar a morte mais depressa.

Hoje, lembro-me de que o Sr., Pe. Manoel, minha ex-esposa e meus filhos foram as pessoas que mais me influenciaram para que parasse de beber. Devo muito a vocês por me mostrarem um caminho que demorei

Hoje, para ficar sem beber, evito o "primeiro gole". Estou sempre em atividade, o que me dá dignidade na vida: Trabalhos, orações, amizades, continuo pedindo a Deus ajuda para não voltar a tomar esse "primeiro gole" que poderá ser fatal. Estou ligado à Pastoral da Sobriedade.



a enxergar. Houve, enfim, um momento em que admiti o problema, aceitei ajuda e, hoje, estou salvo do alcoolismo. Admitir o problema e aceitar ajuda é a única solução.

Acho que tive sorte, pois nunca deixei de acreditar em Deus e de perder esse vínculo espiritual com o Criador, no auge da bebedeira. É raro para quem bebe. Tive, por certo, momentos de es-

perança de que, um dia, pararia, mesmo sentindo forte depressão. Em outubro de 1952, quando parei de beber, comecei a me sentir bem, passei a viver melhor. Hoje, trabalho com responsabilidade, tenho credibilidade perante a família, os clientes e todos que me conhecem. Reconquistei a dignidade de voltar a ser gente na vida.

Para ficar sem beber, evito o "primeiro gole". Estou sempre em atividade, o que me dá dignidade na vida: trabalhos, orações, amizades. Continuo pedindo a Deus ajuda para não voltar a tomar esse "primeiro gole" que poderá ser fatal. Estou ligado à Pastoral da Sobriedade.

Recordo-me de uma passagem bíblica que diz: *Manusearão serpentes e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal...* (Mc 16,18). Pego a bebida na mão, não a bebo, mas sei o mal que ela está causando a muitas pessoas, famílias e à sociedade. Esta consciência, de que a bebida "é um veneno", está em minha mente. Não permito que ela entre na minha corrente sanguínea, no meu corpo. Para mim, não beber e ganhar a vida com a bebida, não é contradição. É uma droga lícita, não é proibido vendê-la; ninguém é obrigado a comprá-la, nem bebê-la. Já pensou se um médico, professor, engenheiro, padre, etc., tivessem que mudar de profissão ou de trabalho por causa de um ou alguns erros que cometem em suas profissões? Alguém pode até mudar de profissão ou de "ramo de negócio", mas quem cometeu erros em sua atividade profissional e continua trabalhando legalmente, não tem necessidade de mudança radical de vida.

A vivência na sobriedade é a minha garantia de vida, atualmente. É a base da construção do meu futuro". 

Mais informações sobre o trabalho do pe. Manoel Dias: (011) 3667-6776.

São José e os apócrifos

Elias Leite

(Continuação do número anterior)

No número de março, iniciamos este artigo sobre São José e que agora encerramos. Denominam-se apócrifos, no sentido geral, livros ou escritos antigos carentes de autenticidade. São-lhes opostos os chamados canônicos, os autorizados, verdadeiros. Na literatura judaico-cristã, os apócrifos, livros, escritos, fragmentos de pergaminho dos primeiros séculos, apresentam-se com forte número de autores sem precisa autenticidade, de variados estilos e com pouca probabilidade histórica. Muitos fatos, porém, têm conotações verdadeiras com textos autênticos da Escritura Sagrada que querem relatar.

[Continuação da História do CARPINTEIRO JOSÉ - Recensão árabe-latina, cód. H]

4. Sobre Maria: “Passados dois anos desde que a santa virgem tinha entrado na casa dele e compreendido o período transcorrido antes, chegou ela ao seu décimo quarto ano de idade”.

Devido ao espaço limitado, e mais a coincidência narrativa dos fatos, do autor do apócrifo, bem conseqüente com a de Mateus e Lucas nos evangelhos canônicos, sobre a anunciação do anjo, o Natal e a visita de Maria a Isabel, continuaremos a narração a partir da volta da sagrada família, do Egito, com a morte de Herodes.

“Morto o tirano, esse ímpio Herodes, os pais com Jesus, voltaram para

a terra de Israel e passaram a morar numa cidade da Galiléia, chamada Nazaré (Mt 2,23). Retomado seu ofício de carpinteiro, com o trabalho de suas mãos providenciava ele o sustento”.

10. “Passando os anos, sua velhice avançava sempre mais. Mas, não sofria de nenhuma enfermidade corporal. Em toda a sua vida sempre teve a mente lúcida. Toda a sua vida foi de 111 anos, portanto tive velhice avançadíssima”.

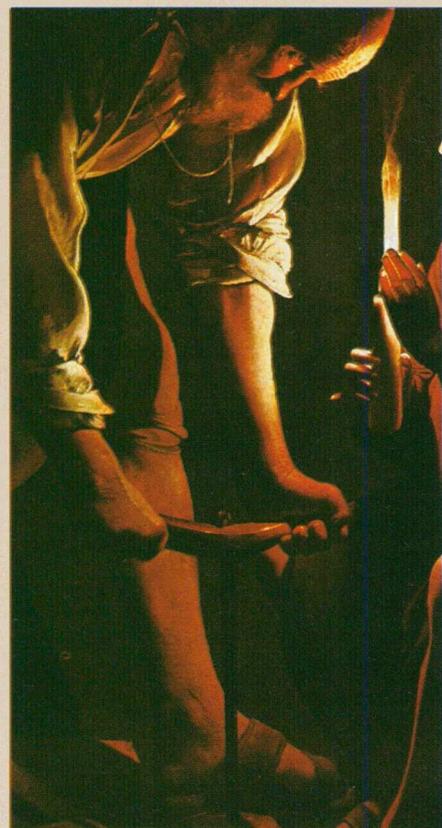
11. **Jesus em família.** Justo e Simão, os dois filhos mais velhos de José, casaram-se; e foram morar cada um em sua casa. Também as duas filhas. Na casa de José, restavam Judas e Tiago, o Menor, e minha mãe, virgem. Eu, pois, permaneci com eles, como um de seus filhos.

Passei sem culpa toda a minha vida. Chamei Maria de minha mãe, e José de meu pai. Sempre lhes obedeci como costumam fazer todos os outros homens produzidos pela terra. Nunca provoquei a ira deles, nem opus a eles alguma palavra ou resposta pouco dura. Ao contrário, foi com amor imenso que os segui, como a pupila dos olhos.

12. **Tristeza diante da morte.** “Aconteceu assim que se aproximou o dia da morte daquele piedoso José e de sua partida deste mundo, como é para todos os outros homens que nasceram nesta Terra. Aproximando-se o fim de seu corpo, o anjo do Senhor comunicou-lhe a iminência da hora da morte.

Foi ele invadido por medo e perturbação imensa. E levantando-se, foi a

Nestes escritos, particularmente intitutados evangelhos, percebe-se acentuada tendência em preencher vazios da verdadeira literatura evangélica com narrativas detalhadas, ingênuas, imaginativas, quando não lendárias. Isso, contudo, não lhes tira o mérito de tópicos verídicos apresentados, e de terem suscitado e mantido, de certo modo, a curiosidade, a devoção e mesmo a piedade cristã dos primeiros séculos à idade medieval.



Jerusalém, entrou no Templo do Senhor e derramou-se em orações no santuário”.

Depois de longos pedidos de compaixão e resignada oferta total de sua vida, disse o que segue:

“Agora pois, Senhor e Deus meu, esteja presente com sua ajuda à minha alma e ao meu corpo teu santo anjo até que eles se separem. Não se afaste de mim a face do anjo que me foi dado como guarda no dia da minha formação, ao contrário, seja-me ele companheiro de viagem até conduzir-me a ti; seu rosto seja-me sereno e alegre e me acompanhe em paz”.

Alongando-se mais com considerações e preces, o autor finaliza esta parte da expectativa de José diante da morte:



“Ó Deus, juiz justíssimo (2Tm 4,8), tu, que julgarás os mortais com justiça e equidade, (Sl 97,9) e darás a cada um segundo as suas obras, ó Senhor e Deus meu, estejas perto de mim com tua misericórdia e ilumina a minha vida, a fim de que eu chegue a ti: tu és a fonte cheia de todo bem e da glória para sempre, Amém”.

É-nos impossível trazer aqui toda a curiosa narrativa, cheia de detalhes, lamentações e preces, durante a agonia do justo José. Constata-se a irredutível presença de Jesus, Maria, Tiago e Ássia, filha de José, do primeiro casamento, e de alguns parentes.

De tudo, podemos concluir como, em todo momento, a crença da ressurreição é constante. E sem retorno à terra. Diz um trecho do escrito: “O Senhor inflige a mesma pena uma só vez, quando agrada a meu Pai mandá-la ao homem; e ninguém pode dizer: eu não passei pela morte”. E Jesus, o narrador, conclui, consolando: “A morte de vosso pai não é morte, mas, vida sempiterna”, dirigindo-se a Ássia e Tiago.

13. A morte. “O dia em que sua alma deixou seu corpo era o dia 26 do mês de *abib* (agosto). Aconteceu que, na primeira luz do dia 26 de *abib* a alma do justo velho José, deitado em seu leito, começou a agitar-se... Chegaram então Miguel e Gabriel junto à alma de meu pai, tomaram-na e a envolveram num invólucro resplandescendente. Assim entregou ele a alma nas mãos de meu Pai, e ele lhe deu a paz”.

Depois das lamentações e do embalsamamento, conclui o narrador: “Eu abraçava o corpo do meu pai, José, e chorava sobre ele. Os outros, então, abriram a porta do sepulcro e depositaram nele seu corpo, ao lado do seu pai, Jacó”.

A conclusão é uma série de profecias e louvações, com este encerramento: “A ele (Jesus Cristo) a glória, a honra, a dignidade, o domínio, o poder e o louvor, com o Pai bom e o Espírito vivificante, agora e em todo tempo, nos séculos dos séculos. Amém!”

Justifica-se a piedosa devoção do povo a São José, protetor de uma boa morte.

Nota: As citações bíblicas são para se verificar pontos de contato entre os apócrifos e os escritos canônicos.

Elias Leite é missionário claretiano, escritor, poeta, autor de vários livros.

CLARETIANOS

MISSIONÁRIOS

**Servidores da Palavra
ao estilo de Claret,
anunciando a Boa Nova
do Reino a todos os
povos e nações**



Venha para essa missão!

ENTRE EM CONTATO
CONOSCO:

SECRETARIA VOCACIONAL
Campinas, SP

(19) 9604-2745 / 3242-2258
pemaurocio@mpc.com.br

Belo Horizonte, MG

(31) 3218-7676

curiabc@uai.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET

Pato Branco, PR (46) 224-4129
luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADES CLARETIANAS

Maceió, AL - (82) 326-8122

missaoclaret@ofm.com.br

Campinápolis, MT

(66) 437-1106 -

ciceroeverino@hotmail.com

Taguatinga, DF - (61) 351-1051

A palavra é...

“A PALAVRA É...” PRETENDE SER PARA OS LEITORES DA REVISTA AVE MARIA UMA FONTE DE CATEQUESE. EM CADA NÚMERO, VAI-SE REFLETIR E CONHECER MELHOR O SIGNIFICADO DE PALAVRAS USADAS HABITUALMENTE E CUJO SENTIDO REAL E ORIGEM NEM SEMPRE SE SABE. SE O LEITOR TIVER DÚVIDA SOBRE ALGUM TERMO RELIGIOSO, ESCREVA-NOS. HOJE.

Elaborado por Luís Erlin.

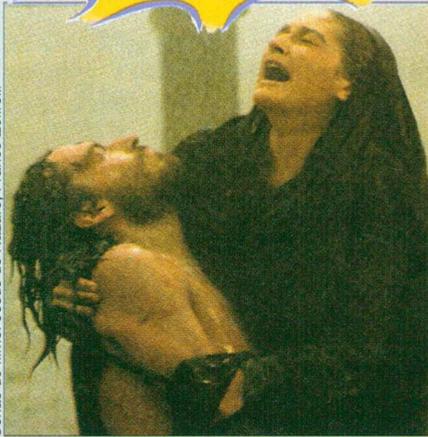
PAIXÃO

Paixão (de Nosso Senhor) – do latim, *passio*, de *pati*. Significa um sentimento forte e profundo, como o amor, o ódio, a dor (sofrimento), o desejo, a alegria. Esse forte sentimento é capaz de levar o ser humano ao mais alto grau de intensidade.

A palavra paixão, associada ao amor, é por demais usada nos nossos dias, nos livros, na TV, nas músicas, nas cartas de amor. Por isso, seu uso na atualidade, está reduzido quase que exclusivamente ao amor-desejo (vício e não virtude): “Paixão é qual bomba H/ se estopim é o beijo” (Alzira Espíndola/ Itamar Assumpção); “Se eu morresse de saudade/ todos iriam saber/ pelas ruas da cidade/ todos poderiam ver/ os estilhaços da alma/ os restos do coração/ queimado, pobre coitado/ pelo fogo da paixão” (Gilberto Gil).

“Por amar apenas como macho e não como homem, nele a sensação

Cenas do filme: Jesus de Nazaré, Franco Zeffirelli



sexual é algo de estreito, aparentemente selvagem, cheio de ódio, temporário, efêmero, que lhe diminui a arte, tornando-a equívoca e duvidosa. Essa arte não é sem mancha, foi marcada pelo tempo e pela paixão e dela pouco há de sobreviver e durar” (Rilke).

No caso de Cristo, seu amor (virtude plena) pela humanidade, levado até as últimas conseqüências, e a dor

inconsolável, sofrida por ele nas últimas horas de sua vida, chama-se Paixão também, mas com maiúscula. A Paixão das paixões. Até o extremo os amou (Jo 13,1).

Os evangelistas narram a Paixão de Cristo. Os principais pontos descritos pelos quatro autores são: 1. Agonia e prisão de Jesus; 2. Jesus perante Anás e Caifás; 3. Jesus perante Pilatos; 4. Morte de Jesus.

“Disse-lhe o mesmo Crucificado, consolando-a: que Ele lhe fazia entrega de todos os trabalhos e dores que havia passado em sua Paixão; e, portanto, tivesse-os por próprios e os oferecesse ao Pai. Ficou tão rica e consolada aquela alma, segundo pude entender, que jamais o esqueceu” (Santa Teresa de Jesus).

“Água do lado de Cristo, lavei-me./ Paixão de Cristo, confortai-me” (S. Tomás de Aquino).

ALELUIA

Do hebraico, *halleluia*h, louvor: voz exclamativa, usada na Igreja em demonstração de júbilo, especialmente no tempo pascal./ Interjeição que se emprega para demonstrar júbilo, alegria, felicidade radiante. A palavra é conservada originalmente.

O Povo de Israel cantava o aleluia nas solenidades principais em sinal de alegria espiritual: *Suas praças serão pavimentadas de mosaicos e rubis, e em suas ruas cantarão: Aleluia!* (Tb 13,22).

Muitos salmos iniciam com esse

louvor: *Aleluia. Louvai o Senhor, porque ele é bom, eterna é sua misericórdia.* (Sl 135,1); *Aleluia. Louva minha alma ao Senhor* (Sl 145, 1). (...) *ouvi no céu como que um imenso coro que*



cantava: 'Aleluia! A nosso Deus, a salvação, a glória e o poder (Ap 19,1).

Na liturgia diária, usamos o aleluia para aclamar o evangelho: “*Aleluia, Aleluia, Aleluia!*”, três vezes alegria em poder ouvir Deus que nos fala. Porém, seu uso mais freqüente e abundante se dá no tempo pascal, o júbilo pleno da vitória de Cristo. *Que a mãe Igreja alegre-se igualmente,/ erguendo as velas desse fogo novo,/ escute-o, reboando de repente,/ o Aleluia cantado pelo povo.* (Proclamação da Páscoa – Missal).

Na edição de março, foram explicados os conceitos de exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. Em particular, foi detalhada a idéia exclusivista, defendida pela Igreja Católica.

Neste artigo, damos prosseguimento às conseqüências dessa posição.

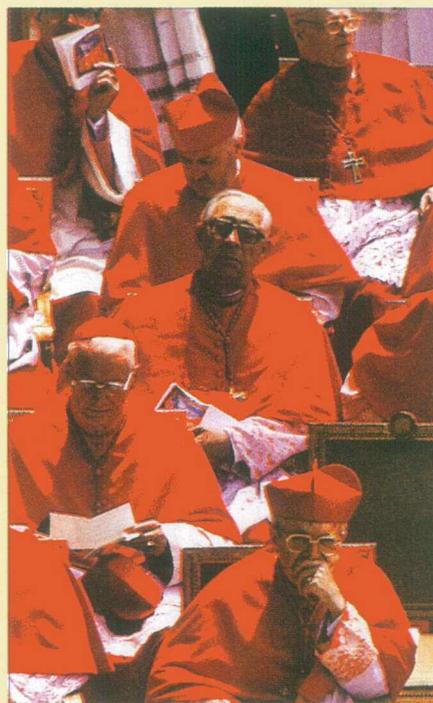
O cristianismo não pode deixar de dar importância ao fato maciço de que, durante quase 95% de sua existência, tenha pensado e afirmado, formal e oficialmente, que as demais religiões estavam excluídas da salvação. Não foi um pequeno erro de cálculo, nem equívoco passageiro, ou despercebido por algum setor. Foi um gigantesco erro acerca do próprio Deus, que envolveu a Igreja como conjunto e a seus órgãos mais altos de direção, e de modo fundamentado, um engano que a fez condenar muitas pessoas, desprezar muitos povos, culturas e religiões inteiras.

É uma irresponsabilidade considerá-la uma página virada da história, sem maiores conseqüências. (Assim procedeu, precisamente, a Comissão teológica internacional da Congregação para a doutrina da fé do Vaticano – herdeira esta última da Inquisição e do Santo Ofício –, em sua declaração: *O cristianismo e as religiões*, de 1996, em seu n.º 10. Em apenas seis linhas, dentre as 70 páginas do documento, liquida o tema, dizendo, simplesmente, que “foi fruto de um determinado sistema teológico ou de uma compreensão errada da frase: *fora da Igreja não há salva-*

Salvação tam

José María Vigil

ção”. Com outras três linhas, no número 70, declara-se redimida: “a Igreja Católica aceita que todos os homens tenha sido chamados à salvação”). Quase vinte séculos de erro não nos permitem seguir “pontificando” sobre a posição que, atualmente, deva ser mantida numa matéria – teologia das religiões – na qual, faz apenas 50 anos, estávamos sustentando uma posição que nos parece, hoje, uma “mostruosidade”. Esta palavra é de Torres



Queiruga, na obra: *El diálogo de las religiones*. Sal Terrae, Santander, 1992, pp. 4 e 7. Com outras palavras, diz Pedro Casaldáliga no título do texto de sua colaboração no livro: *El Vaticano III* (Herder, Barcelona, 2001, p. 95): *Como hemos podido ser tan brutos durante siglos? (Como pudimos ter sido tão arbitrarios durante séculos?)* A consideração e a ponderação deste fato, como uma sadia

atitude penitencial, hão de nos evitar tropeçar na mesma pedra.

Meio século de INCLUSIVISMO

Surpreendentemente, foi a Igreja Católica que deu o salto do exclusivismo para uma posição inclusivista durante o fenômeno do Concílio Vaticano II (1964). Dissemos: “surpreendentemente” (KNITTER, P. *Introducing Theologies of Religions*. Orbis, Maryknoll, 2002, 63-64) porque, precisamente, era a Igreja Católica, dentro do cristianismo, a Igreja atrasada no campo da atualização bíblica e teológica, em comparação com o tremendo esforço de renovação que o protestantismo havia desenvolvido, já havia vários séculos.

Duas foram na Igreja Católica as posições que prepararam o caminho ao Concílio Vaticano II: a teoria do *complemento* e a da *presença* de Cristo nas religiões.

Teoria do “complemento”

A teoria do complemento significa uma certa abertura em relação ao exclusivismo. Considera que as religiões não-cristãs não têm capacidade salvífica por si mesmas, pois são religiões “naturais”, obras do ser humano que busca Deus (pensamento semelhante ao de K. Barth). Contudo, a salvação do mistério de Cristo chega às pessoas que estão nessas religiões porque Deus responde às aspirações dos homens e mulheres que buscam a Deus com as mediações de que dispõem. Suas religiões, não-cristãs, não

bém fora da Igreja

(Continuação)

as salvariam, porque seriam religiões simplesmente naturais, mas teriam cumprido seu papel de ser uma “preparação para o Evangelho” na vida desses homens e mulheres religiosos. Ser “preparação evangélica” (“não caminhos de salvação”) é o máximo valor que poderíamos reconhecer nas religiões não-cristãs.

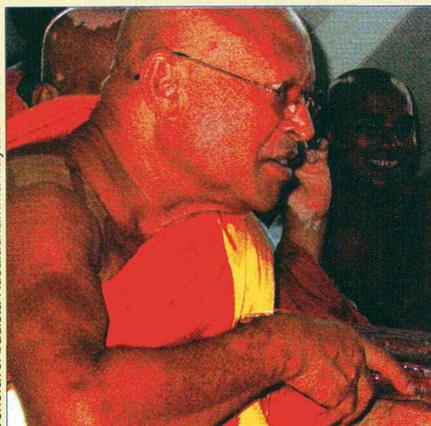
Nesta corrente, estão, com diferentes matizes, Jean Danielou, Henri de Lubac e Urs von Balthasar, teólogos da época pré-conciliar e conciliar.

Danielou, talvez o teólogo mais destacado desta corrente, distingue, nitidamente, entre o “natural e o sobrenatural”. Para ele, somente a religião cristã é sobrenatural; as religiões não-cristãs seriam naturais, e viriam a ser como um “antigo testamento” ou uma “pré-história da salvação” para os homens e mulheres que estão nelas, chamados, portanto, a passar para o Novo Testamento da religião sobrenatural que nos teria sido dada somente em Cristo.

É uma posição que, por uma parte, já não centraliza tudo na Igreja, como defendia a postura clássica católica, nem valoriza, negativamente, as religiões não-cristãs, como fazia K. Barth. A estas religiões é reconhecido já um certo valor positivo: um valor natural e um valor “de preparação para o evangelho”, embora não tenham um valor intrínseco de salvação, autônomo. Seus adeptos se salvariam não por elas, mas apesar delas, por Cristo, que “inclui”, salvificamente, os homens e as mulheres das religiões não-cristãs. Esta teoria do complemento, embora rebatizada com desenvolvimentos posteriores, encontrou eco nos documentos de Paulo VI e de João Paulo II.

“Cristianismo anônimo”: presença de Cristo nas religiões

O posicionamento de Karl Rahner (1904-1984) significou um grande salto, e foi o pensamento que mais influenciou o Concílio Vaticano II. Rahner afirmou que as religiões não poderiam ser consideradas, simplesmente, como naturais, mas teriam valores salvíficos positivos, já que por elas, de fato, a graça



Venerável budista Kusaladhamma Nayake Thera

As religiões não poderiam ser consideradas, simplesmente, como naturais, mas teriam valores salvíficos positivos, já que por elas, de fato, a graça de Cristo alcança seus membros. Seriam religiões sobrenaturais.

de Cristo alcança seus membros. Seriam religiões sobrenaturais.

Rahner partiu de uma visão ampla da história da salvação, que coexiste com a história da humanidade. Não há duas histórias, mas a ação salvadora de Deus na história abrange tudo. Em nível pessoal, a autocomunicação de Deus transforma o ser humano, situando-o numa atmosfera existencial da Graça. Todo ser huma-

no faz experiência originária de Deus, embora seja de uma forma espontânea e sem estar ligado a uma religião. Todos os que aceitam livremente a existência de Deus mediante a fé, a esperança e o amor, entram, para Rahner, na classe dos “cristãos anônimos”, categoria que se aplica tanto aos membros de outras religiões, quanto aos que se dizem ateus. O anúncio de Deus por Cristo pode estar sendo vivida por essas pessoas, fora, portanto, dos limites da Igreja, de um modo não explícito, o que dá origem à expressão de “cristãos anônimos”.

Percebe-se, facilmente, que houve um notável avanço. Foi a primeira vez que, no cristianismo, foi dito, de um modo tão claro e fundamentado, que a Graça e o mistério de Cristo “transbordavam” da Igreja (tão pequena, se comparada às dimensões da Humanidade), até chegar a toda a Terra. Era um visão cheia de otimismo, diante do pessimismo da visão exclusivista, sempre tacanha na hora de posicionar-se em relação à Salvação.

Trata-se de um inclusivismo cristocêntrico: toda a humanidade ficaria incluída na salvação de Cristo; a Igreja, as igrejas cristãs, são pequenas e minoritárias em relação à Humanidade, mas Cristo completaria não somente a Igreja mas as demais religiões. O cristianismo explícito é pequeno, mas o cristianismo implícito ou “anônimo” seria tão extenso como toda a Humanidade de boa vontade que, em seu coração, está disposta a acolher a autodoação de Deus. 

(Continua na próxima edição.)

José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da Agenda Latino Americana. <http://servicioskoinonia.org/agenda>

Construção da identidade na adolescência

(Continuação)

Izabel Petraglia

Metamorfose humana

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.”

João Guimarães Rosa

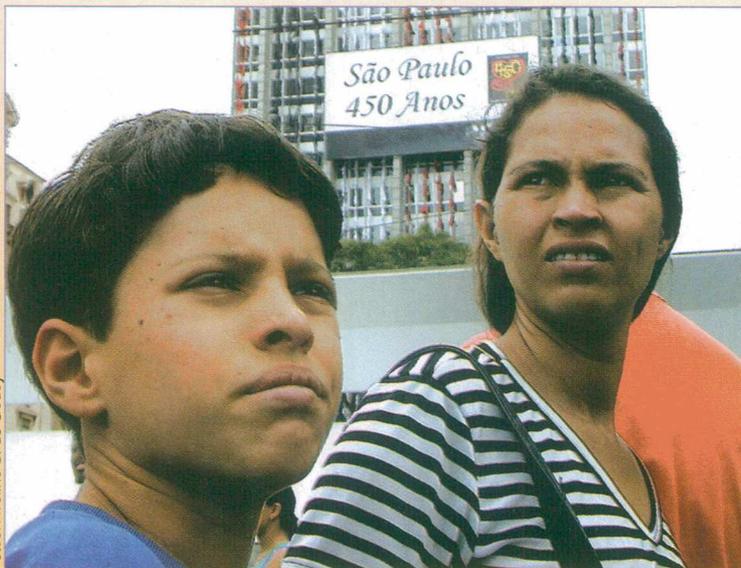
Antonio da Costa Ciampa, em sua obra “A estória do Severino e a história da Severina”, explica a metamorfose como a percepção da mudança que ocorre, permanentemente, porque *“somos seres humanos, somos matéria; através da prática, a gente vai se transformando!”* (p.111)

Essa obra, que é um ensaio de Psicologia Social, conta a aventura de uma mulher, chamada Severina, que não se conhece, não se reconhece

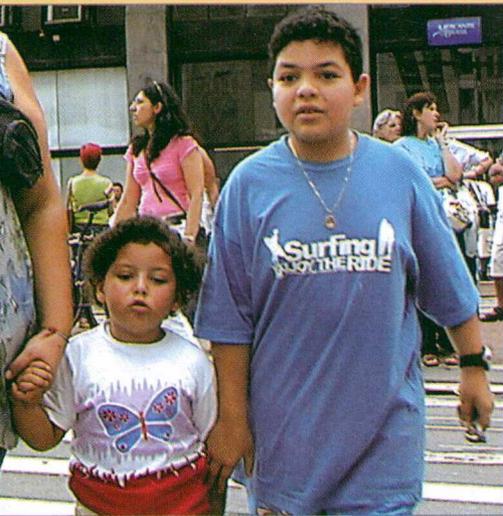
sequer como pessoa. Não se vê em si, só no outro, mas aos poucos vai-se transformando, vai-se conhecendo, vai-se percebendo como gente e como mulher, numa verdadeira metamorfose, que todos nós vivemos e conhecemos, um dia. Severina conta-nos um pouco de sua história de transformação. Ela, uma mulher, pobre, nordestina, sem muitos recursos, senão os seus próprios, internos, luta pela sobrevivência e pela vida em sua plenitude. Severina mostra-se um ser humano que é “sapiens – demens” (“sábio-louco”). Afirma (p.110-111): *“A gente pode transformar o veneno em remédio (...). A gente (...) não vai mudando de*

uma hora pra outra; vai mudando por etapa, devagarzinho; cada dia que a gente vai passando, cada hora, cada minuto, cada segundo da vida da gente, a gente vai sentindo e percebendo as coisas, vendo as coisas de outro ângulo, diferente do que a gente era (...). Hoje, de jeito nenhum, eu não quero voltar àquela vida que eu tive, àquela vida de miséria, de estado de inferno, porque eu vivia no estado de inferno; hoje eu tenho estados de inferno dentro de mim (...) porque eu sou ser humano (...). Tanto a gente tem dentro de bom, como a gente tem estados de ruins (...). Eu vou ter muito, muito, muito que mudar (...) a gente ir-se transformando permanentemente dentro da gente!”

A metamorfose acontece, ou como disse Severina, vai acontecendo, paralelamente à consciência, que se amplia, ao passo da transformação que vai ocorrendo. Entretanto, a mudança ocorre mesmo que ainda não se tenha consciência dela. Concordamos, então, com Ciampa, quando afirma (p.113): *“Ser é*



Fotos: Avelino S. de Godoy



ser metamorfoseado! A metamorfose é a expressão da vida. Como tal é um processo inexorável, tenhamos ou não consciência dele”.

Dessa forma, compreendemos o processo de transformação que ocorre na adolescência, mas entendemos que a construção da identidade da pessoa tem início, quando ela começa a adquirir consciência de seu processo transformador. É isso que lhe permite sua emancipação. É nesse momento que a pessoa adulta e madura se torna efetivamente livre.

Entretanto, a revolução transformadora depende da forma como as crianças são criadas, e de como se estabelecem as primeiras relações entre os adultos e os imaturos. Quando as crianças são respeitadas, aprendem a exercer a capacidade do respeito. A aprendizagem de uma ética do dever gera a heteronomia, enquanto que a ética da compreensão e da solidariedade propicia a autonomia e o desenvolvimento de um adulto democrático e criativo.

As crianças necessitam, concomitantemente, de limites e de respeito. Os limites são os determinantes sociais e culturais, com suas regras, normas e rotinas próprias, que devem ser incorporadas para a vida em comunidade, enquanto que o respei-

to é entendido aqui como a liberdade e a individualidade de cada um, escolher e manifestar suas opções e escolhas, a partir de sua visão de homem e de mundo, de seus valores e de sua ética.

Entendemos que a construção da identidade tem início quando o sujeito se percebe um; o que só é possível quando é capaz de perceber e reconhecer o outro. O EU só existe na relação com o TU. É nesse momento que nasce o NÓS: dos limites e do respeito, na complementaridade da vida.

Ciampa, ao explicar o processo de metamorfose de Severina, que ocorre ao mesmo tempo em que se desenvolve sua consciência, afirma (p.112): “Consciência de si e consciência do outro!”

Encontra vida: reconhecer o outro como humano e ser reconhecida como tal!

Valoriza a vida: o maior tesouro do mundo.

Sozinha, certamente, não podia ver reconhecida sua humanidade, conseqüentemente não se reconhecia como humana.

Identifica-se como humana.

Identidade humana. Vida!”

Bibliografia

CIAMPA, Antonio da Costa. A Estória do Severino e a História da Severina. 3ª ed., SP, Brasiliense, 1993.

Izabel Petraglia é psicóloga e pedagoga; mestre em Educação (PUC/SP); doutora em Educação (USP) e pós-doutorada em Ciências Sociais (EHESS – Paris). É professora de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Pesquisadora da Complexidade e Transdisciplinaridade, é co-fundadora e coordenadora do NIIC – Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade, sediado no Centro Universitário Nove de Julho em São Paulo, onde é professora do Mestrado em Educação. É autora de vários livros. (izabelp@spo.matrix.com.br)

MENSAGEIRAS DE SANTA MARIA

Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim conforme dizes. Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho... (Lc 1,38-39).

A congregação das mensageiras de Santa Maria deseja testemunhar, o amor solidário e preferencial de Deus pelos pobres e humildes, sendo uma presença animadora e transformadora onde vive. Como Maria de Nazaré.



SE DESEJAR VIVER ESTE IDEAL, PROCURE-NOS:

Casa Geral

Av. Washington Soares, 975
(Édson Queiroz)

CEP 60 811-340 - Fortaleza, CE
Tel. (85) 239-2608

Casa de Formação

Rua Oscar Leitão, 377
(Parque Manoeiro)

CEP 60 871-550 - Messejana, CE
Tel. (85) 474-3882

Todas as jovens são bem-vindas, sem exclusão de idade e escolaridade; morem na cidade ou no campo; mas que sintam o chamado para o seguimento de Jesus na vida religiosa.

Comunicação preventiva: -ismos a serem evitados

Francisco Gomes de Matos

Na disciplina: Comunicação Construtiva, que ministro a policiais militares no Curso de Policiamento Comunitário, do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, UFPE, Recife, costumo discutir com as turmas a importância estratégica da comunicação preventiva em nosso dia-a-dia. Inicialmente, faço referência à medicina preventiva e aos conceitos de prevenção, cuidado preventivo e tratamento preventivo e pergunto como poderíamos usar o português falado preventivamente.

Não demora muito ouvir-se, de alguém, a explicação de que essa questão tem a ver com o que as pessoas deveriam evitar. Assim, aproveito para desafiar os alunos a exemplificarem substantivos positivos com o sufixo “-ismo” com os quais estariam familiarizados. Dentre os mais citados, destacam-se: patriotismo, heroísmo, companheirismo. A partir desse engajamento, proponho que sejam organizadas várias listas dos “-ismos”: uma, referente às religiões (Budismo, Catolicismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo, Protestantismo, etc); outra, sobre doutrinas/escolas em Ciências sociais (estruturalismo, behaviorismo, funcionalismo, humanismo, interacionismo, etc) e mais uma sobre atitudes preconceituosas (bairrismo/chauvinismo, classismo, etnocentrismo)

A discussão sobre esta última lista conduz a um teste de identificação de -ismos a serem questionados, rejeitados, evitados e substituídos por outros que contribuam para o que

chamo comunicar para o bem (cf. meu livro com esse título, publicado pela Ave Maria em 2002).

Um teste: Identificação de “-ismos” que fazem mal (veja quadro na página ao lado).

Com base na lista desse quadro de -ismos (consulte dicionários ou pessoas, em casa, no trabalho, na escola, etc), avalie cada tipo de frase, imaginando que foi dita numa conversa informal. Se o “-ismo” correspondente

não estiver na listagem, recorra à sua criatividade e proponha outra categoria.

Conclusão

Saber comunicar-se preventivamente requer um espírito de atenção, de vigilância, para que não tratemos nem retratemos mal as pessoas. Ao concluir, lembro que Cristo condenava um tipo de -ismo: o farisaísmo, isto

**Saber comunicar-se preventivamente
requer um espírito de atenção, de
vigilância, para que não tratemos nem
retratemos mal as pessoas.**

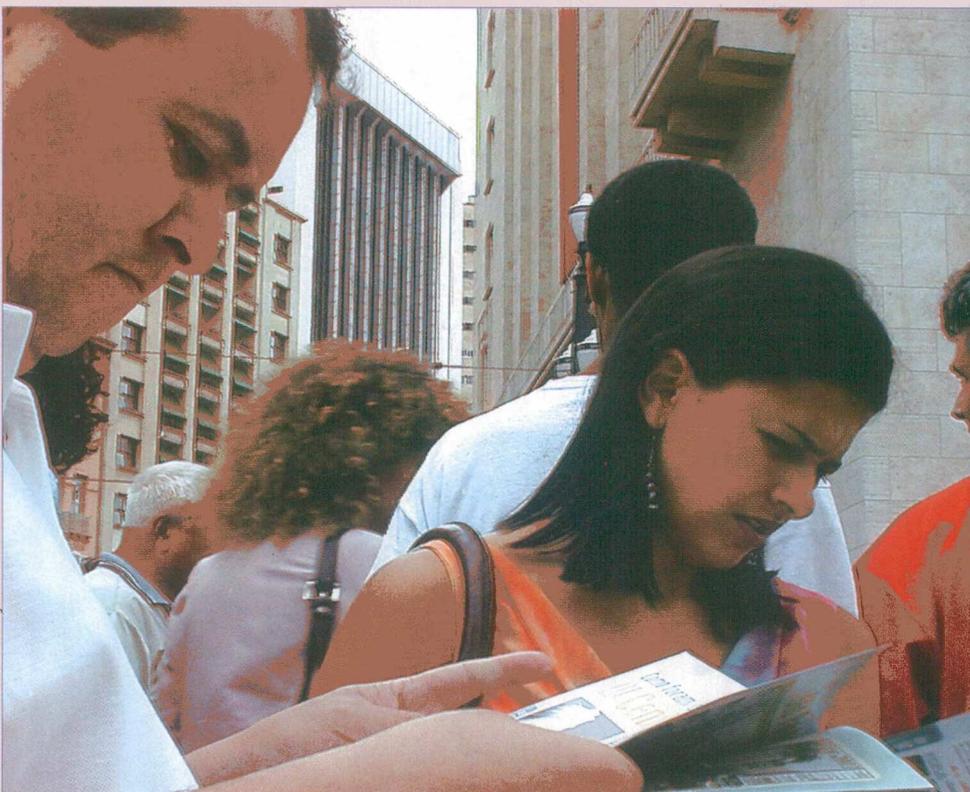


Foto: Avelino S. de Godoy

-ISMOS QUE FAZEM MAL

1. Antagonismo
2. Autoritarismo
3. Classismo
4. Etarismo
5. Chauvinismo
6. Derrotismo
7. Egoísmo
8. Etnocentrismo
9. Negativismo
10. Pessimismo
11. Culpismo
12. Obscurantismo

FRASES:

- A. "As coisas vão de mal a pior. Não vão melhorar nunca."
- B. "Você não devia dar atenção a essa gatinha: não é do mesmo nível que nós."
- C. "Como se atreve a me pedir um documento?! Sabe com quem está falando...?!"
- D. "Tudo isso foi causado por você. É sempre assim..."
- E. "Não tem nada que se aproveite nesse sistema. Estão pondo dinheiro fora."
- F. "A cultura, aqui em nossa terra, é muito superior às outras. Nem dá para comparar..."
- G. "Não sei por que deixam um velho passar na frente da gente "(numa fila).
- H. "Acho melhor se calar, ... senão, vai ser pior para você..."
- I. "A coisa tem que ser feita como eu quero: não tem opção..."
- J. "Se vocês não entenderam minha explicação, o problema é de vocês: não tenho que explicar de outra maneira."
- L. "Este mundo não presta... Não tem ninguém que preste..."

Uma solução possível para este teste: 1=H; 2=C; 3=B; 4=G; 5=F; 6=A; 7=I; 8=F; 9=E; 10=A; 11=D; 12=J.

é, a hipocrisia e a soberba. Aos interessados no estudo sistemático de -ismos, sugiro uma consulta à Internet: *dictionary of isms*. Que os -ismos podem revelar muitos aspectos da história individual, comunitária, das nações, não há dúvida. A propósito, saberia o(a) leitor(a) quando terrorismo começa a aparecer sob forma escrita? A partir de 1785! Quando

globalismo faz sua estréia no inglês escrito? Em 1940. Trata-se de um americanismo...

Um fato encorajador: otimismo começa a ter vida "escrita" em 1730, enquanto pessimismo, só 55 anos depois: 1785. Se você for apologista do ecumenismo, vale saber que esse movimento promotor da cooperação e da unidade entre grupos religiosos já

aparece sob forma escrita em 1965. Fascinante, não é? Pesquise mais sobre esse poderoso sufixo -ismo. Observe como autores, em diferentes áreas, fazem uso dele, como, onde, quando, por que e para quê. 

Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotlink.com.br

NA PAZ DO SENHOR

- Em Bom Sucesso, MG, **Neli Vieira dos Santos**, 02.06.2003, com 86 anos.
- Em Rio Verde, GO, **Geralda Costa Barbosa**, 09.07.2003 com 66 anos.
- **João da Conceição Vallim**, 16.07.2003, com 87 anos.
- Em São João Del Rei, MG, **Maria da Trindade Mendes Torga**, 09.09.2003 com 86 anos.
- Em Sta. Rita de Passa Quatro, SP, **Deolinda Maestrello Moreschi**, 19.07.1988 com 64 anos; e **Antônio Moreschi**, 05.09.2003, com 85 anos.
- Em Barretos, SP, **Adelaide Oliveira Luiz**, 16.02.2003.
- **Maria de Lourdes Vallim**, 28.11.2003 com 84 anos.
- Em Bocaina, SP, **Ana Frare Stefanelli**, 18.02.03
- Em Barretos, SP, **Ivone Carvalhaes Ramos**, 21.11.2003.
- Em Itauna, MG, **Carmelinda Cândida Tavares**, 26.10.2003, com 90 anos.
- Em Barretos, SP, **João Luiz**, 07.07.2003.
- Em Montes Claros, MG, **Ana Rita Figueiredo Amaral**, 02.02.2004 com 92 anos.
- Em Anápolis, GO, **Eleonora Ungarelli Pedatella**, 28.11.2003, com 92 anos.

- Em Curitiba, PR, **Paulino Marochi Mayer**, 28.11.2003, com 80 anos, foi assinante há mais ou menos 50 anos.
- Em Mogi-Mirim, SP, **Caritas Vieira Ribeiro**, 08.11.2002 com 78 anos.
- Em Belo Horizonte, MG, **Geraldo Lopes**, 11.06.2002, com 85 anos.
- Em Belo Horizonte, MG, **Inah Fraguas Moreira**, 11.07.2002, com 73 anos.
- Em Pará de Minas, MG, **José Carvalho dos Santos**, 23.12.2002, com 84 anos.

GRAÇA ALCANÇADA

Geraldo Paes Carvalho, agradece a Sto. Antônio Maria Claret, pela graça alcançada (cura de uma doença).

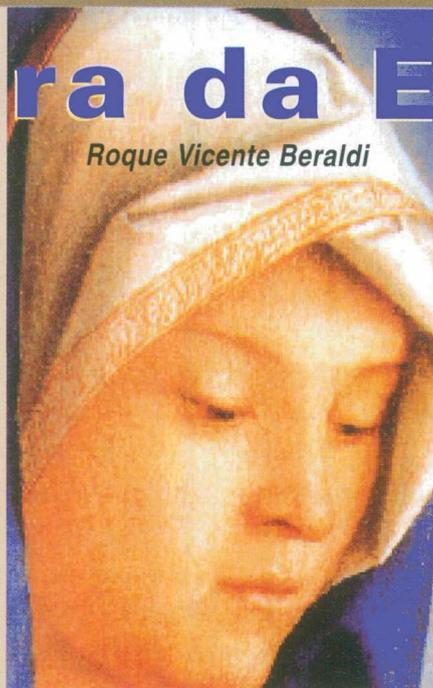
ASSINANTE EM FESTA



Em Barroso, MG, **Iclair Graçano** é assinante da Revista há 49 anos. No dia 24/04/2004 estará completando 50 anos de casado com a Sr.^a **Jovelina de Aquino Graçano**.

Senhora da Entrega

Roque Vicente Beraldi



É do conhecimento de todos que os mouros, por volta dos anos 712, comandados por Tarik, invadiram Portugal e Espanha dominando-os por vários séculos. Tornaram-se donos de toda a Península, excetuando uma pequena região asturiana. Ali se refugiaram Pelágio e alguns soldados. Os invasores tentaram também invadir a França, mas, não conseguiram e foram rechaçados por Carlos Martel que comandava um grupo de soldados destemidos e valentes.

A palavra “mouro” foi dada pelos cartagineses aos indígenas do norte da África quando se estabeleceram naquela região. Esse nome se estendeu na Idade Média, aos conquistadores árabes.

Tanto portugueses como espanhóis jamais se sujeitaram a esse domínio e tudo fizeram para se livrar do jugo mourisco. Muitas e sangrentas batalhas foram travadas contra os mouros. Portugal conseguiu

expulsá-los no século XII, enquanto só no século XV foram banidos de toda a Península.

Numa daquelas batalhas, travada entre mouros e cristãos, na região do Porto, em Portugal, fala-se que Nossa Senhora aparecera ao comandante lisboeta animando-o à luta. A vitória foi total. Muitos dos vencidos, para salvar a própria vida, renderam-se e *entregaram-se* aos cristãos. Daí surgiu o nome de Nossa Senhora da Entrega.

O júbilo foi tal que também se agradecia a Deus por meio de Maria Santíssima, chamando-a de Nossa Senhora da Campanha. Era tanta a

gratidão do povo, que construíram uma capela (hoje grande templo) para perpetuar o evento, considerado miraculoso. O sangue derramado correu para um riacho próximo que ficando com a água vermelha, chamaram-no de Rio Tinto.

Mais tarde foi criada a Diocese de Campanha, na região do Porto, que existe ainda hoje.

Oração

Senhora das Vitórias, Maria Santíssima, assim como animaste soldados para lutarem contra os inimigos de Cristo, dá-me também vigor para conseguir o domínio sobre paixões e pecado, para me entregar de corpo e alma ao serviço divino e repleto de gratidão servi-la para sempre e amá-lo eternamente. Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

AVISO AO ASSINANTE

Para facilitar a renovação de sua assinatura, existem duas opções de Bancos:

ITAÚ — Agência 0061 - C/C 51519-3 ou Brasil — Agência 2445-7 - C/C 8646-0
Em nome de: CMF Revista Ave Maria

Após efetuar o pagamento em UMA das duas opções de Bancos, queira enviar cópia do comprovante de pagamento para Caixa Postal 1205 CEP 01059-970 – São Paulo, SP.

Quando ligar para nossa CENTRAL DE ATENDIMENTO, tenha em mãos seu CÓDIGO DE ASSINANTE que se encontra na etiqueta do endereçamento, colada na embalagem plástica. Qualquer dúvida, ligue, grátis para: **0800- 555-021.**



Quem é membro do rebanho de Cristo?

4.º domingo da Páscoa
2 de maio

INTRODUÇÃO

Há espaços enormes, além das fronteiras da Igreja, que se enquadram no âmbito do Reino de Deus, porque sobre eles paira o Espírito Santo. Sua presença ativa se manifesta onde se verifica o impulso para dedicar a própria vida em benefício do irmão.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 13,14.43-52 – Sl 99

Aceitação dos pagãos na comunidade cristã provocou inveja nos judeus. Tanto assim que *replicavam com blasfêmias às palavras de Paulo*.

E por que reagem dessa maneira? Porque tinham a convicção de que as promessas e as bênçãos de Deus eram exclusivas do seu povo e não estavam dispostos a aceitar que, agora, a salvação fosse oferecida também aos pagãos. Tal atitude nos faz lembrar a parábola do filho pródigo. O irmão que ficara em casa, ao saber do banquete preparado pelo pai para o irmão, ficou enciumado e não queria entrar.

Temos de pedir a Deus muita humil-

LITURGIA DA PALAVRA

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.

dade para aceitar que outros também recebam atenção de nossos superiores, do pai, da mãe... O que importa é a construção do reino ou a edificação do lar, feita por nós ou por outro. Mas, na prática, como é difícil aceitarmos isso! Sabemos de maridos que ficam com ciúme até dos recém-nascidos por receberem da esposa a atenção que, antes, era só deles. O fruto de tal sentimento é a tristeza e o ódio, este, se alimentado, vai planejando intermináveis vinganças.

Já os discípulos, que tinham libertado o coração do ressentimento contra os seus perseguidores, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

2.ª leitura Ap 7,9.14b-17

João viu *uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas* em pé diante do trono de Deus. Tal visão caracteriza a universalidade da salvação. Pedro, relutante a princípio, abre-se à luz do Espírito Santo e a proclama, na casa do centurião Cornélio, um pagão: *Em verdade, reconheço que Deus não faz distinção de pessoas, mas, em toda nação, lhe é agradável aquele que o temer e fizer o que é justo* (At 10,34).

Quando Jesus estava entre os discípulos, este mesmo João, um dia, viu um homem que expulsava demônios em nome de Jesus, embora não fizesse parte do grupo dos escolhidos. Certo de que a cura em nome de Jesus fosse exclusiva deles, proibiu aquele homem de continuar ajudando os que sofriam.

Consultado, o Mestre deu-lhes uma lição de abertura e liberdade: *Não lho proibais; porque quem não é contra vós, é a vosso favor* (Lc 9,49-50). E nós como procedemos com nossos irmãos de outras religiões que praticam o bem?

Evangelho Jo 10,27-30

Quemos percorrer o mesmo caminho que Jesus: o da entrega da

própria vida por amor, como ovelhas que seguimos as pegadas de nosso Pastor.

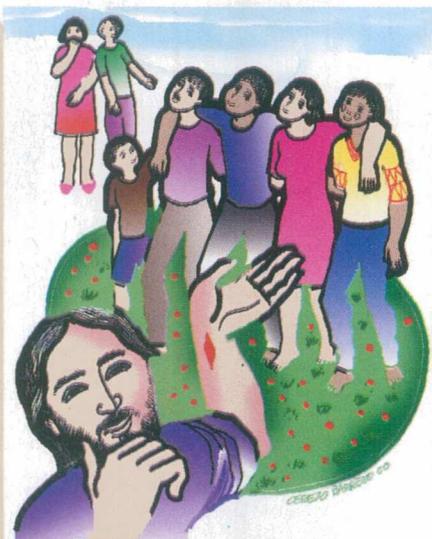
Suas ovelhas são todos os que têm a coragem de pôr em prática o dom da vida em favor dos irmãos, mesmo que não conheçam a Cristo. As suspeitas em relação aos não-crentes se originam daquele eclesiocentrismo (só a Igreja Católica estaria no centro do plano de salvação). Mas, no dia-a-dia, o que isso significa? Preferimos permanecer tranquilos em nossos velhos hábitos, sentimentos mais amparados quando nos limitamos às práticas externa de devoção, com a monótona repetição de fórmulas, de gestos, de cerimônias... Ao passo que a fidelidade ao Senhor exige, às vezes, mudanças de rumo, de "conversões" para os novos caminhos que o Mestre nos aponta e que, com frequência, somos tentados a abandonar.

Não é verdade que procuramos excluir (com julgamentos apressados, com mexericos e até mesmo com calúnias) aqueles que, em nome de Deus, nos tiram do nosso comodismo? Não recorremos até ao prestígio moral de alguma "piedosa" senhora da comunidade para inocular denúncias junto aos superiores, para nos vermos livres dos profetas cuja mensagem nova nos aborrece? (Releer o v.50 da 1.ª leitura).

A iniciativa de seguir nosso Pastor não é nossa, é ele quem nos chama. Escutamos sua voz pela meditação cotidiana de sua Palavra? Ou preferimos seguir nossos próprios caminhos? Ele é um com o Pai. Isto significa que devemos nos esforçar para conseguir uma unidade de pensamentos, de projetos, de ações com ele.

REFLEXÃO

Temos respeito pelas outras religiões? Aceitamos, com alegria, que seus membros tenham a liberdade de cultivar sua fé? Ou queremos limitar o poder de Deus?



A glorificação de Jesus

5.º domingo da Páscoa
9 de maio

INTRODUÇÃO

Quantas vezes, o sucesso das pessoas vitoriosas está fundado nas lágrimas dos pobres, nas angústias e no sangue dos humildes. Esta é a glória dos homens. Mas qual é a de Deus?

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 14,21b-27 - Sl 144

Em geral, achamos que nos apresentaremos diante de Deus, sozinhos, com os “nossos méritos”. Sem dúvida, interessamo-nos pelas almas dos outros, desejamos que todos se salvem... mas, naquele momento, parece-nos que as amizades desaparecerão e que nos deveremos preocupar apenas com a própria vida...

Será que cada um de nós deve cuidar apenas da própria santidade ou participar da santificação de todos, em que, como num corpo, os membros individualmente não podem viver uns sem os outros? Nesta leitura, os apóstolos nos dão a resposta. A prestação de contas das próprias atividades à comunidade de Antioquia; a designação de anciãos em cada igreja, mos-

tram não ser possível conceber a vida cristã de forma individualista.

Quem não se relaciona com os outros e pensa, exclusivamente, no próprio progresso espiritual, pode até ser uma boa pessoa, piedosa, religiosa, mas não é um cristão! É que, pelo batismo, fomos “enxertados” no corpo místico de Cristo, no qual cada um é membro vivo, co-responsável pela família dos irmãos. A exemplo de Cristo, devemos nos sentir chamados para servi-los, com generosidade, humildade e sem busca de recompensa.

2.ª leitura Ap 21,1-5a

Esta parte do *Apocalipse* descreve a definitiva e total derrota do mal, aqui representado, simbolicamente, pelo mar.

Como na época em que os hebreus tinham passado o mar Vermelho, a pé enxuto, as águas desapareceram também. Desta vez, porém, para sempre, diante da marcha triunfal do novo povo de Deus que será libertado, de uma vez por todas, de toda tribulação.

Esta mensagem é, portanto, cheia de alegria e de esperança: um novo céu e uma nova terra serão criados. A nova Jerusalém, nossa comunidade, está pronta para se apresentar diante do Cordeiro, como uma noiva ao marido. Quais serão esses enfeites? O enxugar toda lágrima dos pobres, o não permitir que haja mais sinais de morte, nem luto, nem clamor, nem dor, à nossa volta! Esse foi o novo céu e essa foi a nova terra que João viu e que somos chamados a construir.

Evangelho Jo 13,31-33a.34-35

A glória deste mundo consiste em alcançar poder, vencer a qualquer custo, acumular riquezas, possuir belas mansões, carros importados, iates, etc... Nisto, o mundo deposita sua realização, sua felicidade. Contudo, bem sabemos, pelos jornais, quantas vezes esse sucesso é conseguido com salá-

rios mal pagos, ou simplesmente negados, com magras cestas básicas de “quinta categoria”, na corrupção, no desvio do dinheiro que era destinado a evitar tanta fome e sede por nosso Brasil afora... Essa é a glória dos homens.

Mas qual é a glória de Deus? Surpreendentemente, o evangelho de hoje nos diz que a glorificação de Jesus foi a hora da sua morte na cruz!

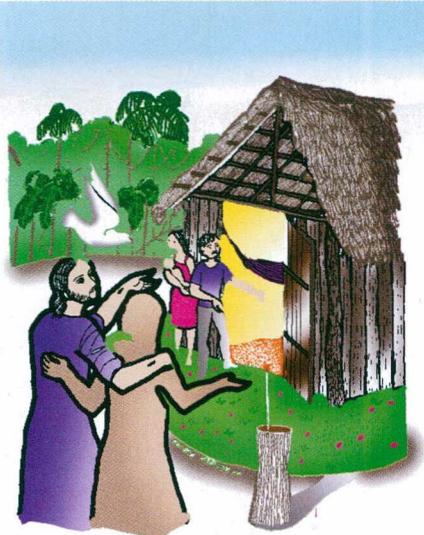
Ah! se fôssemos nós! Teríamos despedido, milagrosamente, da cruz e dado aos fariseus e seus comparsas uma prova indiscutível de força e os esmagaríamos junto com os romanos!...

Não seríamos os primeiros a querer agir dessa forma. Lucas registrou, no 9º capítulo de seu evangelho, versículos 51 a 56, que Tiago e João queriam matar, pelo fogo, os samaritanos que não tinham querido receber Jesus. Mas o Mestre respondeu-lhes: *O Filho do homem (referindo-se a ele próprio) não veio para perder a vida, mas salvá-la*. Jesus, portanto, é glorificado não quando aniquila quem o odeia, mas quando muda o seu coração, quando faz sorrir quem chora, quando devolve a esperança para quem sabe que fez tudo errado na vida. Por isso, a hora da sua maior glória é a cruz, pois foi lá que se manifestou todo o seu imenso e gratuito amor por nós.

Jesus ao amar os pobres, os doentes, os marginalizados, os malvados, os corruptos e os seus próprios algozes, mostrou que não se ama uma pessoa porque ela o merece, mas porque precisa do nosso amor para ser feliz!

REFLEXÃO

Aplica-se à nossa comunidade, à nossa família a frase de Jesus: *Conhecerão que sois meus discípulos porque vos amais uns aos outros?* A quem amamos? A quem alcança sucesso, a quem nos é simpático, rico, inteligente, bom?



Viver o clima de céu

6.º domingo da Páscoa

16 de maio

INTRODUÇÃO

Há quem reze olhando para o alto, outros olhando para baixo, há quem permaneça imóvel, outros preferem dançar... Mas ninguém tem o direito de impor aos demais o próprio modo de rezar, pensando que seja o melhor ou o único possível.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 15,1-2.22-29 - Sl 66

Os Apóstolos, assistidos por Deus, resolveram um atrito que havia surgido entre duas comunidades. Uma delas era constituída pelos judeus convertidos ao cristianismo; a outra era de pagãos que também tinham sido batizados. A decisão, cheia de muita fé, foi registrada por Lucas: *Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor outro jugo além destes, que são indispensáveis...* (v.28). Tal resultado só lhes foi possível alcançar porque reinava entre eles a caridade. E para que essa virtude tivesse podido sair vitoriosa, sem dúvida, teve os elementos que, mais tarde, Paulo aconselharia aos coríntios: *A caridade é paciente, bon-*

dosa, sem inveja nem orgulho (13,7). Num ambiente assim, ninguém se diz dono da verdade, mas permanece disposto a abrir mão de sua própria opinião para o bem de todos.

A mensagem desta leitura é de importância fundamental para o nosso dia-a-dia. Pois, a todo momento, em nossa comunidade, em nossa família ou nas dinâmicas de grupo, em nosso ambiente de trabalho, encontramos o mesmo problema. Se não tivermos caridade, e se nossa opinião não for aceita, deixamo-nos dominar pelo orgulho e, magoados, ficamos, daí em diante, alheios à reunião. Bem diferente é a reação de quem, com humilde caridade, aceita que sua opinião seja rejeitada e continua a participar, unindo-se aos outros na busca da verdade.

2.ª leitura Ap 21,10-14.22-23

Eco dessa atitude, cheia de amor, está na figura deste trecho, descrito pelo Apocalipse. O Povo de Deus está aberto para o mundo, *em direção ao sul e ao norte, ao oriente e ao ocidente*; dá acolhida a todos os homens, elimina qualquer separação, rejeita tudo o que divide e discrimina.

Dessa forma, antecipa-se ao que encontraremos depois da morte. No céu, não haverá mais ritos, nem cerimônias, nem práticas religiosas: encontraremos Deus, face a face. Portanto, a maldade, o sofrimento, as trevas, enfim, os sinais de morte, não existirão mais. Será que conseguimos antecipar esse "clima" de céu, com nossa(o) esposa(o), com nossas(os) filhas(os), nossas(os) vizinhas(os)? Temos coragem de lhes dizer que os amamos, não obstante não sermos aceitos por eles a ponto de nos maltratarem? Damos sinais concretos desse amor, sem amuos nem melindres?

Evangelho Jo 14,23-29

Conforme os especialistas, João escreveu estas linhas quase noventa

ta anos após a morte e ressurreição de Cristo. Dessa maneira, estamos diante de um trecho muito denso, fruto de muitos anos de reflexão e oração.

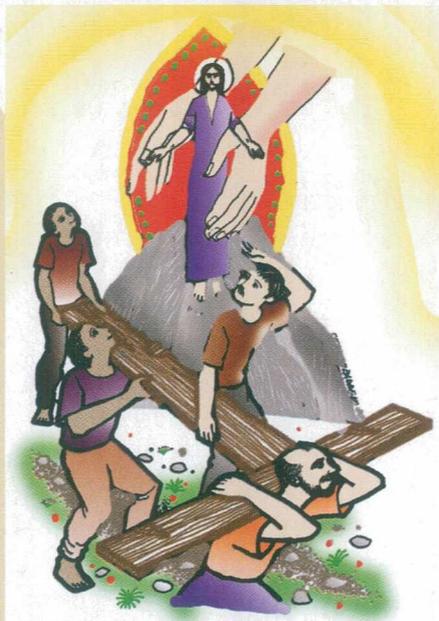
Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e viremos a ele e nele estabeleceremos morada. O que isto significa? Jesus, quando estava entre os discípulos, afirmou que ele era um com o Pai. E para prová-lo mostrou, não os milagres, mas suas obras. Libertava as pessoas de todas as formas de escravidão. Primeiro, perdoava-lhes os pecados; depois, curava-lhes as doenças, tirava-as da superstição, da segregação religiosa e social.

Jesus e o Pai estabelecerem sua morada em nós quer dizer que, depois de termos acolhido a palavra de Deus, recebemos a vida de Deus e nos tornamos capazes de realizar as mesmas obras de Jesus, libertando nossos irmãos de todos os sinais de morte: o pecado, a exclusão social, o preconceito, a fome, as injustiças e as opressões. Será por essas atitudes que os outros poderão dizer que Deus mora em nós. Tal qual sucedeu aos apóstolos quando reunidos em Jerusalém, sentiram a presença do Espírito Santo porque cada um queria construir a paz.

Opressão, injustiça não acontecem só com os poderosos. Às vezes, somos nós que oprimimos os familiares, em casa. Achamos que nossa palavra tem de prevalecer, sempre. Fechamo-nos a qualquer diálogo. Como conseqüência, não podemos estranhar que surjam brigas e revoltas, porque a paz de Cristo está bem longe disso tudo!

REFLEXÃO

Como reagimos, quando nossa opinião não é aceita? Criamos "clima de céu" à nossa volta? Sabemos vencer nosso mau-humor se alguma coisa não vai como gostaríamos? Lutamos pela paz de Cristo? ■



Olhar para o céu e para a terra

Ascensão do Senhor
23 de maio

INTRODUÇÃO

Como os Apóstolos, somos convidados a ser testemunhas da Ressurreição de Jesus, da qual a Ascensão é consequência. O Senhor está invisível, mas as ações que fazemos devem revelar sua presença.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 1,1-11 - Sl 46

Lucas não estava interessado em dar informações sobre o lugar, a forma e o tempo da Ascensão de Jesus ao céu. O que desejava era responder a dúvidas de sua comunidade sobre a volta imediata do Senhor: passavam-se os anos e o Senhor não vinha!

Pedro, por sua vez, também explicava à sua comunidade *que um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia!* E acrescentava: *O Senhor não retarda o cumprimento de sua promessa, como alguns pensam, mas usa da paciência para convosco. Não quer que alguém pereça; ao contrário, quer que todos se arrependam.* Por fim, conclui: *Portanto, caríssimos, esperando*

estas coisas, esforçai-vos em ser por ele (Jesus) achados sem mácula e irrepreensíveis na paz (2Pd 3,14).

Tanto Lucas como Pedro mostravam que havia um engano geral: a ressurreição de Jesus tinha marcado o início do reino de Deus, mas não a conclusão da história, só conhecida pelo Pai. A missão daquelas comunidades, (e nossa também) era e é, portanto, ser testemunhas da ressurreição de Jesus. E o que isso significa? Quer dizer que devemos lutar por um mundo novo, afastar os sinais de morte onde quer que os haja.

Até os confins do mundo... pode-nos parecer um convite distante, mas não é. Nosso fim do mundo está bem perto de nós, em nossa casa. Mas diremos: "é tão pouco o que podemos fazer, que o melhor é não fazer nada"! Puro engano! Jesus já nos avisara: *quem for fiel no pouco, também o será no muito* (Mt 25,23). Não aceitemos, portanto, a cômoda situação de ficar olhando para o céu (de nos limitarmos a ir à missa, rezar o terço, fazer novenas, seguir procissões, etc.) e não olhar para a terra, à nossa volta, atendendo aos irmãos necessitados, a começar por nossos familiares...

2.ª leitura Ef 1,17-23

Paulo deseja que nosso Senhor Jesus Cristo ilumine os olhos de nossos corações, para sabermos qual é a esperança que o seu chamado encerra e comunicá-la aos irmãos.

Ser esperança para os irmãos é fazê-los ressuscitar a cada "morte" que lhes acontece na vida. Qual é a nossa atitude diante das contrariedades que nos acontecem a todos, dentro de nossos lares, a cada dia? Imbuídos da extraordinária grandeza do poder de Jesus, passamos essa fé para o irmão que sofre, que está no leito de hospital, na prisão material, ou na prisão das drogas?

Acreditamos, realmente, que Jesus pôs tudo debaixo dos seus pés, como Cabeça da Igreja e que todos os irmãos

são o seu Corpo? E que, portanto, o que fizermos ao mais desprezado irmão nosso é a ele que o fazemos?

Evangelho Lc 24,46-53

Devemos testemunhar, com nossas ações, que o Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos. A seu exemplo, devemos também lutar contra os sinais de morte e ressuscitar para o mundo novo da vida. Isso era motivo de alegria para os discípulos porque sabiam que tudo o que acontece na terra: sucessos e fracassos, injustiças, sofrimentos e até os fatos mais absurdos não estão fora do plano de Deus.

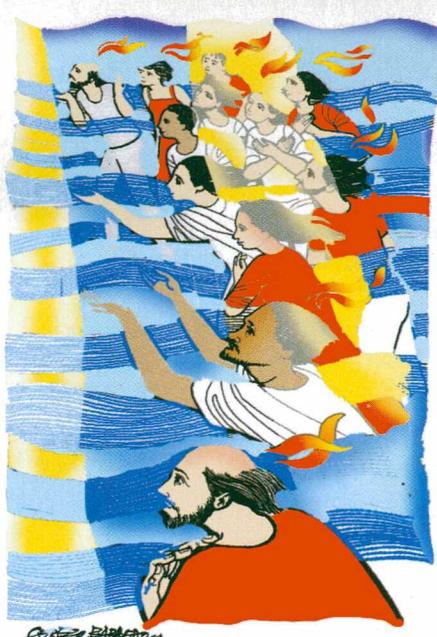
Outro motivo de alegria era saberem que, com a Ascensão, a maneira de Jesus estar presente entre eles se tinha multiplicado e não estava mais limitada a um lugar. Sem dúvida, sua maneira de estar presente não era mais a mesma, mas não passara a ser menos real.

Temos certeza de que Jesus não nos abandonou, acreditamos que ele está conosco, sempre e todos os dias; temos, porém, consciência das nossas fraquezas. Se pudéssemos contar, exclusivamente, com nossas próprias forças, teríamos todos os motivos para sermos pessimistas.

Portanto, perseverança no bem é a palavra de ordem. Os santos também conheciam sua fraqueza e por isso oravam tanto. E tiveram, sem exceção, que vencer uma série de dificuldades para se manter fiéis à prática da caridade.

REFLEXÃO

Compreendemos a Ascensão como a festa que nos faz olhar para a terra, ou seja, para o serviço dos irmãos? Estamos convictos de nossa missão de testemunhar a esperança de Cristo ressuscitado, primeiro, em nossas casas? Cremos na presença de Jesus, em nossa vida, principalmente nas horas difíceis? ■



O Espírito de Deus habita em nós!

Solenidade de Pentecostes

30 de maio

INTRODUÇÃO

Espírito de Deus,/ enviai do céu/ um raio de luz!! Pai dos miseráveis,/ vossos dons afáveis/ dai aos corações./ / Consolo que acalma,/ hóspede da alma,/ doce alívio, vinde!...// Sem a luz que acode,/ nada o homem pode,/ nenhum bem há nele// (Da Seqüência da Missa de Pentecostes).

1.ª leitura At 2,1-11 - Sl 103

Esta leitura comprova que o Espírito Santo é um dom que se destina a todos os homens e a todos os povos. O Mestre já tinha anunciado: *Eu vos mandarei o Prometido de meu Pai... sereis revestidos da força do alto... O Espírito Santo vos ensinará o que deveis dizer* (Lc 24,49 e 12,12).

Teria havido alguma coisa que Jesus tivesse esquecido de nos ensinar? Não! Mas não lhe tinha sido possível explicitar todas as conseqüências e todas as aplicações concretas da sua mensagem. Que atitudes se devem assumir, por exemplo, em nossos dias, diante de sistemas políticos e econômicos que mantêm tantos homens e

tantos povos na pobreza e na miséria?

Jesus garantiu que sempre encontraríamos resposta a nossas indagações, em harmonia com o seu ensinamento, se soubéssemos prestar atenção às suas palavras e mantivéssemos o coração aberto aos impulsos do Espírito.

2.ª leitura 1Cor 12,3b-7.12-13

No batismo, recebemos o mesmo Espírito Santo e, a partir daí, formamos um só corpo. *Todos bebemos de um só Espírito: judeus e gregos, escravos e livres...* escreve Paulo. Ninguém é mais do que o outro. Apenas o serviço para a comunidade é que é diferente. Portanto, há unidade, mas não uniformidade.

Cada um de nós tem seu dom. E devemos respeitar o dos outros. Na prática, esta verdade exige amor, desprendimento. Na família, por exemplo, há o marido que chega cansado, preocupado com o salário que não dá para nada; existe a esposa, estressada pelo trabalho, dentro ou fora de casa; e há as crianças alegres, barulhentas... Será o Espírito quem lhes irá sugerir que busquem a felicidade, prestando atenção uns nos outros; que arranjem tempo, na correria da vida, para sentar-se ao lado do outro, apertar-lhe a mão e sentir suas ânsias e preocupações...

Evangelho Jo 20,19-23

No povo de Israel, havia a convicção de que só Deus poderia tirar das pessoas o espírito mau e infundir-lhes um espírito bom. Por isso, Lucas registra que Jesus soprou sobre seus discípulos e lhes disse: *recebei o Espírito Santo*. Cada um de nós passa por idêntica experiência do espírito mau dentro de si. É aquela força que nos impele à embriaguez, à prostituição, ao adultério, ao roubo. Paulo, com humildade, deixou escrito: *Não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que detesto... Sin-*

to nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado... (Rm 7,15 e 23).

Esta transformação interior é operada pelo batismo. Ao examinarmos, porém, nossa vida, provavelmente temos de admitir que praticamos injustiças, que temos ódios, que nos deixamos dominar pelo mal... mais ou menos como antes do batismo. E então?

É que nós sempre queremos uma mudança imediata. O Espírito, porém, não age desse modo. Desenvolve-se como uma pequena semente plantada no coração da gente. Cresce lentamente, sem estardalhaço. Pede-nos a humildade de aceitar que falhamos e de aprender com o erro para não voltar a cair. A humildade verdadeira nos leva a decidir tentar, uma ou mais vezes, até conseguirmos acertar. Essa constância se obtém pela oração.

Devemos pedir ao Espírito Santo que produza frutos abundantes em nós. Não é verdade, porém, que pelos mais variados pretextos, abandonamos a oração? Criticamos o excesso de palavras das orações dos outros e, quanto a nós, acabamos não fazendo oração alguma (!). A última frase do Evangelho nos fala da remissão dos pecados. O que destrói o pecado numa pessoa é a presença do Espírito. Quem recebeu este dom não deve, porém, guardá-lo para si mas, pelos bons exemplos, criar condições para que também as outras pessoas abram o coração à ação do Espírito Santo,

REFLEXÃO

Mantemos nosso coração aberto às inspirações do Espírito Santo, pela meditação da palavra de Deus? Em nossas famílias, prestamos atenção nos outros? Arranjamos tempo para ouvi-los? Perseveramos na oração para que o Divino Espírito possa agir em nós?

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE MAIO



3ª SEMANA DA PÁSCOA

1.º - sábado: At 9,31-42 = Pela assistência do Espírito Santo e pelos milagres, muitos se convertiam. Sl 115. Jo 6,60-69 = Senhor, tu és o consagrado de Deus.



4ª SEMANA DA PÁSCOA

3 - segunda: Santos Felipe e Tiago Menor Apóstolos. 1Cor 15,1-8 = O Senhor apareceu a Tiago. Sl 18. Jo 14,6-14 = Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis?

4 - terça: At 11,19-26 = Fundação da Igreja de Antioquia. Sl 86. Jo 10,22-30 = Eu e o Pai somos um.

5 - quarta: At 12,24 — 13,5a = A palavra de Deus crescia e se espalhava. Sl 66. Jo 12,44-50 = Vim como luz do mundo.

6 - quinta: At 13,13-25 = Crer em mim é crer naquele que me enviou. Sl 88. Jo 13,16-20 = Quem me recebe, recebe aquele que me enviou.

7 - sexta: At 13,26-33 = Crucificaram o Salvador Jesus, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Sl 2. Jo 14,1-6 = Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

8 - sábado: At 13,44-52 = Eu te designei para levares a salvação até os confins da terra. Sl 97. Jo 14,7-14 = Quem me vê, vê o Pai; estou no Pai, e o Pai está em mim.



5ª SEMANA DA PÁSCOA

10 - segunda: At 14,5-18 = Converti-vos ao Deus vivo. Sl 113B. Jo 14,21-26 = O Espírito Santo vos ensinará tudo.

11 - terça: At 14,19-28 = Fim da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Sl 144.

Jo 14,27-31a = Eu vos dou a minha paz.

12 - quarta: At 15,1-6 = Controvérsia provoca o Concílio apostólico de Jerusalém. Sl 121. Jo 15,1-8 = A videira e os ramos: nossa união com o Pai e o Filho.

13 - quinta: At 15,7-21 = O Concílio de Jerusalém pronuncia-se a favor dos pagãos convertidos. Sl 95. Jo 15,9-11 = Permanecei no meu amor.

14 - sexta: S. Matias, Apóstolo At 1,15-17.20-26 = A sorte caiu em Matias, que foi colocado no número dos doze apóstolos. Sl 112. Jo 15,9-17 = Não mais vos chamo servos, mas amigos.

15 - sábado: At 16,1-10 = Paulo convida e ganha Timóteo para companheiro de missão. Sl 99. João 15,18-21 = Porque não sois do mundo, o mundo vos odeia.

6ª SEMANA DA PÁSCOA

17 - segunda: At 16,11-15 = Conversão de Lídia. Sl 149. Jo 15,26 — 16,4a = O Espírito da verdade dará testemunho de mim.

18 - terça: At 16,22-34 = Ao carcereiro, em Filipos: para te salvars, crê no Senhor Jesus. Sl 137. Jo 16,5-11 = Se eu não for, não virá a vós o consolador.

19 - quarta: At 17,15.22 — 18,1 = Um homem, a quem Deus ressuscitou, julgará o mundo. Sl 148. Jo 16,12-15 = O Espírito da verdade vos ensinará tudo, e me glorificará.

20 - quinta: At 18,1-8 = Em Corinto, Paulo dava testemunho de que Jesus é o Messias. Sl 97. Jo 16,16-20 = Logo, logo, já não me vereis; mas a vossa tristeza se transformará.

21 - sexta: At 18,9-18 = "Não temas! Fala!" — Muitos acreditaram e foram batizados. Sl 46. Jo 16,20-23a = A vossa tristeza se há de transformar em alegria.

22 - sábado: At 18,23-28 = Apolo, judeu convertido, demonstra que Jesus é o Messias. Sl 46. Jo 16,23b-28 = Sai do Pai e vim ao mundo; deixo agora o mundo e volto para o Pai.



7ª SEMANA DA PÁSCOA

24 - segunda: At 19,1-8 = Dom do Espírito Santo aos recém-batizados de Éfeso. Sl 67.

Jo 16,29-33 = Fé dos discípulos.

25 - terça: At 20,17-27 = Paulo despede-se dos anciãos, em Éfeso! Sl 67. Jo 17,1-11a = Oração sacerdotal de Jesus: Pai, é chegada a hora...

26 - quarta: At 20,28-38 = Cuidai do rebanho. Sl 67. Jo 17,11b-19 = Jesus roga ao Pai pelos discípulos.

27 - quinta: At 22,30; 23,6-11 = Sou julgado por causa da ressurreição dos mortos. Sl 15. Jo 17,20-26 = Jesus reza pela união de todos os que crêem.

28 - sexta: At 25,13b-21 = Julgamento de Paulo. Sl 102. Jo 21,15-19 = Pedro: Senhor, tu sabes que te amo!

29 - sábado: At 28,16-20.30-31 = Paulo, em Roma, preso por causa da esperança de Israel. Sl 10. Jo 21,20-25 = Destino de Pedro (Segue-me!) e do discípulo amado (Fique!).



9ª SEMANA DO TEMPO COMUM

31 - segunda: Visitação de Nossa Senhora.

Rm 12,9-16b = Tomai parte nas necessidades dos santos, buscando proporcionar a hospitalidade. Cânt.: Is 12,2-6. Lc 1,39-56: Donde me vem que a mãe de meu Senhor me visite?



Você falou comigo?

Wimer Botura Jr.

(Continuação)

No artigo anterior, o autor demonstrou que existem muitas formas de se falar com as pessoas, embora isso não garanta que haja um diálogo.

Os pais, por exemplo, acreditam que dialogar com os jovens é simplesmente fazê-los pensar como, adultos os acham que pensam! Desta vez, aponta as qualidades que deve haver numa conversa para que esta enriqueça as pessoas que se envolvem nesse relacionamento.

Algumas pessoas têm o costume de conversar com alguém ao mesmo tempo em que mandam recados para os que estão ao seu redor. Querem impressionar a todos com as vantagens que contam, procurando admiração na sauna, no restaurante, no cabeleireiro, na sala de espera do consultório médico, no psicólogo, na fila do banco. Este tipo de comportamento acaba sendo agressivo tanto para o interlocutor, como para o terceiro que nem sequer está interessado no assunto.

As relações mais saudáveis são aquelas em que os indivíduos falam um com o outro e um para o outro, de for-

ma que ambos se sintam valorizados, independentemente de haver pontos de vista diferentes. A valorização não está em tecer elogios, muitas vezes insinceros e impessoais, e sim em ouvir o outro e prestar atenção ao que este expõe. Quando processamos as informações recebidas, longe de preconceitos e crenças, estamos dando importância ao outro e automaticamente abrindo espaço também para nossa valorização. Os elogios muitas vezes nem são necessários quando prestamos atenção ao outro.

Há pessoas que, ao ouvirem o outro, precisam redefinir para si o que foi dito ou enquadrar a informação em uma generalização. Ao generalizar, negam a individualidade do interlocutor e da informação expressa, de tal forma que podem causar um mal-estar geral. Vamos supor que você chame uma pessoa pelo nome, de forma alta e clara, perfeitamente compreensível, e ela lhe responda: "Quem, eu? Você falou comigo?". A sua vontade nesse momento é de responder de maneira dura: "Não, chamei a rainha da Inglaterra, seu idiota!". Mas você não responde assim, porque a pessoa é legal. Noutro momento, esta mesma pessoa faz perguntas óbvias, exaustivamente já respondidas, e você come-

ça a ficar mais cansado que o habitual ou com uma pequena dor de cabeça. Isto é sinal da raiva que engoliu, poderíamos até dizer frustração. A pessoa que age fazendo-se de estúpida pode ter sido superprotegida na vida, estar cheia de agressividade reprimida e medos irracionais, que se espalham de forma inconsciente e

As relações mais saudáveis são aquelas em que os indivíduos falam um com o outro e um para o outro, de forma que ambos se sintam valorizados, independentemente de haver pontos de vista diferentes.



causam irritabilidade em suas relações mais estreitas. As emoções, inevitavelmente, são contagiosas, transbordam pela comunicação. Com certeza, aquilo que não é resolvido ou eliminado de forma correta será transformado em doença ou em conflito. 

(continua no próximo número.)

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: *Agressões silenciosas*, Editora O.L.M., São Paulo, SP.

Vamos cozinhar?!

Entrada **SALADA DE PEIXE**

Ingredientes:

Solvas de peixe, batatas cozidas, maionese, alface picada miúda, aipo picado fino, tiras de maçã com casca.

Modo de preparar:

1. Misture o peixe picado, as batatas cozidas e a maionese.
2. Arrume em um prato, espete com as tiras de maçãs e enfeite à vontade com a alface.
3. Sirva gelada.



Prato principal **FRANGO COM PÁPRICA** **À HÚNGARA**



Ingredientes:

*1 frango cortado pelas juntas
1 cebola cortada em rodelas finas
1 colher/sopa de manteiga
1 colher/chá de páprica picante
1 colher/chá de páprica doce
1 pimenta vermelha seca
1 xícara/chá de leite azedo.*

Modo de preparar:

1. Refogue a cebola na manteiga. Junte a páprica, o sal, a pimenta vermelha.
2. Coloque o frango neste tempero e refogue um pouco em fogo forte. Junte um pouco de água quente, tampe a panela e cozinhe em fogo brando, até a ave ficar macia.
3. Pingue água, de vez em quando, para não secar. Na hora de servir, junte o leite azedo e só deixe no fogo até esquentar, mas sem ferver.

Nota: na falta de leite azedo, junte, ao creme de leite comum, algumas gotas de limão.

Sobremesa **CHARLOTE RUSSA**



Ingredientes:

*1/2 litro de leite
6 folhas de gelatina
200 g de açúcar
6 ovos
1 colher/chá de baunilha
250 g de bolacha champanhe*

Modo de preparar:

1. Derreta a gelatina em meia xícara de

água fervendo. Ferva o leite com a baunilha. Bata as gemas com o açúcar, como para gemada. Despeje o leite fervendo sobre as gemas e leve ao fogo brando para cozinhar, sem deixar ferver.

2. Retire do fogo, junte a gelatina e leve ao refrigerador. Assim que começar a endurecer, tire do refrigerador, bata e misture rapidamente o creme de leite e as claras em neve.
3. Forre uma fôrma com papel impermeável, ponha uma camada fina de geléia e arrume ao redor e no fundo a bolacha champanhe.
4. Despeje o doce na fôrma e ponha novamente para gelar. Só desenforme na hora de servir.

Páprica



Uso: condimentar caldos, ensopados, molhos, vinagretes, vinagres, conservas em geral, carnes e saladas. Seu fruto pode ser consumido cru ou em pó. A páprica vermelha é mais adocicada e a verde, mais picante. Tempero do tipo *urucum* (colorau), muito agradável. Serve para "dar uma corzinha aos alimentos cozidos". **Efeitos curativos:** anti-inflamatório, digestivo e estimulador da circulação sanguínea.



Água de beber



A ÁGUA É UM RECURSO NATURAL ESSENCIAL PARA A NOSSA SOBREVIVÊNCIA E DE TODOS OS SERES VIVOS. É IMPOSSÍVEL IMAGINAR COMO SERIA O NOSSO DIA-A-DIA SEM ELA. APESAR DE O NOSSO PLANETA DISPOR DE UMA

GRANDE QUANTIDADE DE ÁGUA, APENAS UMA PARCELA BEM PEQUENA É POTÁVEL E AINDA DIMINUINDO COM O AUMENTO DO CONSUMO E DA POLUIÇÃO.

A ÁGUA QUE USAMOS VEM EM GRANDE PARTE DA SUPERFÍCIE; DOS RIOS, LAGOS E REPRESAS. GRAÇAS AO CICLO PERMANENTE DA ÁGUA — EVAPORAÇÃO, CHUVAS — É QUE ELA PODE SER RENOVADA.

MESMO ASSIM, ESSE PROCESSO AINDA É LENTO COM

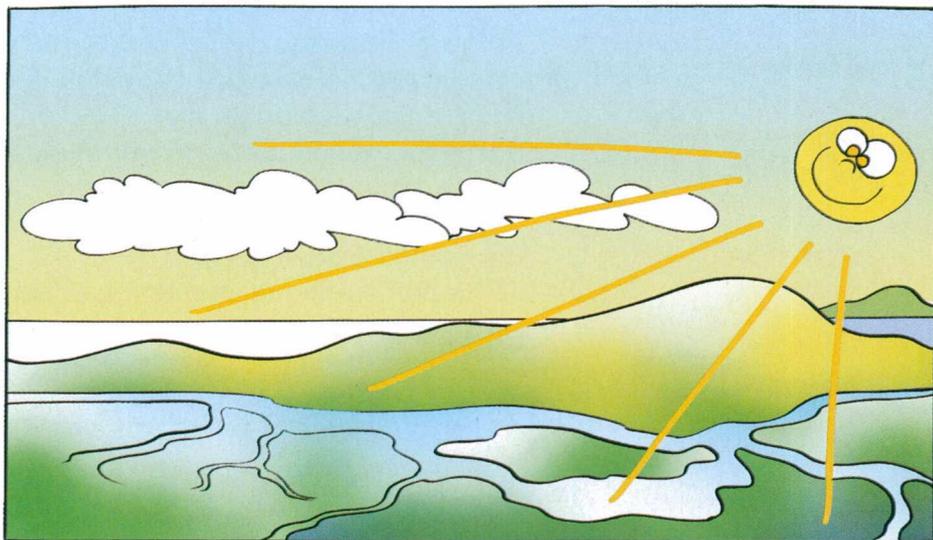
RELAÇÃO AO SEU CONSUMO EXAGERADO E CONTAMINAÇÃO. POR ISSO,

VAMOS CUIDAR DO POUQUINHO DESSE PRECIOSO TESOURO

QUE AINDA NOS RESTA: NÃO DEIXANDO LUZES ACESAS DURANTE O DIA,

OU DEIXANDO A TV LIGADA, OU A GELADEIRA ABERTA — O GASTO DE ENERGIA

ELÉTRICA IMPLICA TAMBÉM O GASTO DE ÁGUA NAS HIDRELÉTRICAS!



REDUZA O TEMPO DO SEU BANHO PARA O NECESSÁRIO; USE A VASSOURA PARA LIMPAR O QUINTAL — NÃO USE A MANGUEIRA PARA VARRER — CUIDADO AO DAR DESCARGAS, SÓ LAVEA ROUPA QUANDO TIVER UMA BOA QUANTIDADE, ETC.

ENTÃO, A PARTIR DE AGORA, VAMOS PENSAR NUMA FORMA MAIS HUMANA DE UTILIZAÇÃO DA ÁGUA?

ANTES DE EXAGERAR NO CONSUMO, VAMO-NOS PERGUNTAR: SERÁ QUE O QUE VOU FAZER CAUSARÁ ALGUM MAL AO MEIO AMBIENTE? SERÁ QUE OS MEUS FILHOS TERÃO, NO FUTURO, A CHANCE DE DESFRUTAR DESSA



ÁGUA LIMPA É TÃO NECESSÁRIA?

"Re-utilidades" do lixo!



ÁRVORES EM CAIXAS

Vamos plantar árvores?



Primeiro, encontre algumas sementes embaixo de alguma preferida.

Faça furinhos na parte de baixo de uma caixa de leite, retire a parte de cima e coloque 2/3 de terra adubada. Coloque a semente sem afundar muito...



...e quando a pequena muda estiver com alguns centímetros, (a partir de 30cm) plante num bom lugar!

Eis aqui uma dica bem legal do Alfredo (o urubu): que tal pedir pra mamãe guardar aquelas caixas, garrafas de plástico, pedacinhos de madeira, papel, etc. (mas bem limpinhos) pra você criar mil coisas?

Escolha uma caixa de papelão e forre com papel colorido: faça dela seu porta-cacarecos particular e nas horas vagas experimente criar brinquedos, utilidades, jogos... você vai se surpreender com sua criatividade!

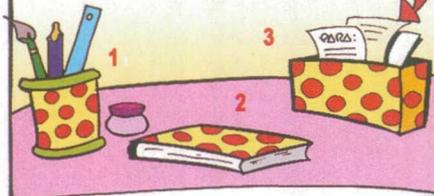
Chame os amigos; monte um concurso na sua rua e aproveite para ensinar o que você aprendeu aqui!

COM UMA LATINHA PINTADA, SOBRAS DE PAPEL E UMA CAIXA DE SABÃO, VOCÊ PODE FAZER...

1

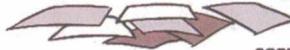


UM LINDO CONJUNTO DE MESA!



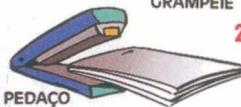
CORTE AS FOLHAS DO MESMO TAMANHO

2



GRAMPEIE

2



CORTE UM PEDAÇO DE PAPELÃO DO MESMO TAMANHO E PINTE

2



COLE ENVOLVENDO O BLOQUINHO

2



Caixa de papéis de recados

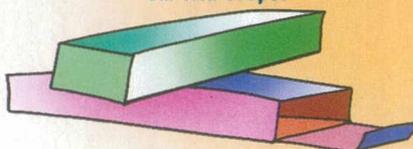
3



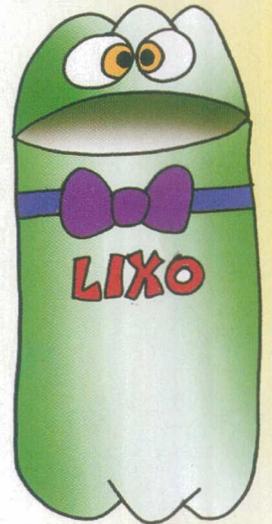
CORTE A METADE DE BAIXO DA CAIXA DE SABÃO E PINTE!

Aproveite caixas de creme dental para guardar sementes.

Por fora, escreva o nome da semente em fita crepe.



ALFREDÃO PAPA-LIXO-DE-ESTRADA



Veja esta invenção do Alfredo: pegue duas garrafas vazias de refrigerante, corte o fundo de uma delas para fazer a tampa e retire a parte de cima da outra.

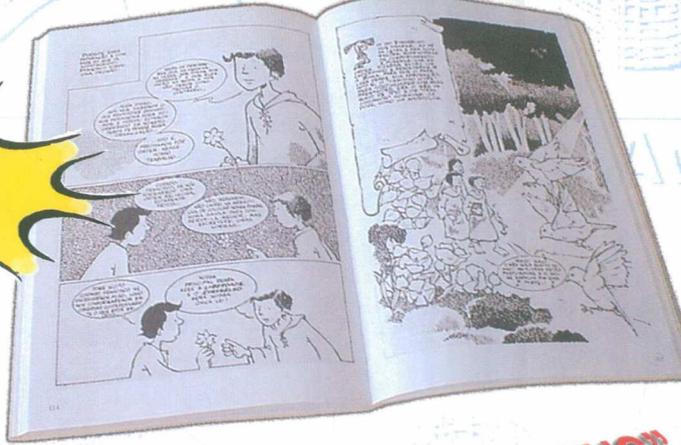
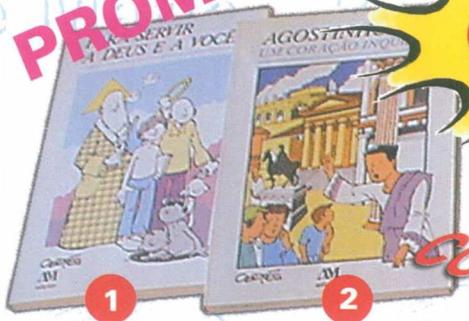
Amarre um barbante para uni-las na parte de trás, enfeite como quiser e dê de presente para os seus pais colocarem no carro e assim não jogarem lixo na rua!



IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

NOVA PROMOÇÃO

Grátis!



COLEÇÃO "SANTOS - OS AMIGOS DE JESUS"



ESCOLHA UM LIVRO PARA VOCÊ E UM PARA CADA NOVO ASSINANTE!

- Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha 1 livro e o novo assinante ganha outro.
- Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (R\$ 25,00) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:
 - 1) Banco Itaú - Agência 0061 – Conta Corrente 51519-3 ou
 - 2) Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0
- Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

Depois envie os cupons abaixo preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - 1º andar CEP 01226-000 São Paulo, SP

• Mais informações: Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:.....

Endereço:

.....Cidade: Est.: CEP: - -

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:.....

Endereço:

.....Cidade: Est.: CEP: - -

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

MARIA
Ave
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
"CORREIOS"